



**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**

**NATHAN WILLIAN DE SOUZA**

**REDES SOCIAIS E A INFLUÊNCIA DE DADOS NA ELEIÇÕES NOS ESTADOS  
UNIDOS EM 2016**

Florianópolis

2020

**NATHAN WILLIAN DE SOUZA**

**REDES SOCIAIS E A INFLUÊNCIA DE DADOS NA ELEIÇÃO NOS ESTADOS  
UNIDOS EM 2016**

Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Relações Internacionais, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito para obtenção do Grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Luciano Daudt da Rocha, Me.

Florianópolis

2020

**NATHAN WILLIAN DE SOUZA**

**REDES SOCIAIS E A INFLUÊNCIA DE DADOS NA ELEIÇÃO NOS ESTADOS  
UNIDOS DE 2016**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de bacharelado e aprovado em sua forma final pelo Curso de Relações Internacionais da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Cidade, 01 de dezembro de 2020.

---

Professor e orientador Prof. Luciano Daudt da Rocha, Me.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof. Emilly Fidelix da Silva, Ma.  
Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof. Ricardo Duwe, Me.  
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico a todas as mulheres, que têm lutado para conquistar seu espaço nessa sociedade machista e patriarcal, em especial a minha mãe, meu maior exemplo de mulher.

## AGRADECIMENTOS

Há um pouco mais de quatro anos fiz uma das escolhas mais importantes da minha vida, voltar a estudar. Possuía um desejo de me reinventar, porém realizar uma nova faculdade, parecia um sonho distante e muito tenebroso (assustador), comprometeria minha renda, levaria bastante do meu tempo, careceria de muita dedicação e esforço. Estar diariamente em um banco de universidade não é fácil, mas sou inconformado, meu desejo de fazer coisas novas são sempre maiores que as adversidades do processo, não desisto nunca. Meu sentimento é, que as escolhas que me direcionaram para as Relações Internacionais como área de estudo, foram assertivas, e me sinto feliz por mais essa conquista na minha vida.

Chegar até aqui não foi fácil, venho de família pobre, ribeirinha e das entranhas da Amazônia. Já foi um grande passo ter conquistado um diploma de graduação, agora ter dois? era algo inimaginável para a minha família, e por mais que esses sonhos foram sonhados por mim, eles não teriam acontecido sem as pessoas que me cercam e que fortalecem as minhas bases e estruturas emocionais. Agradeço a minha mãe, que por tantas vezes abdicou de seus sonhos para que os meus viessem a se realizar, aos meus amigos que me apoiaram e incentivaram a continuar e a não ter medo, e nesse quesito Deus me presenteou com os melhores, relatar o que já fizeram por mim seria complicado, acho que precisaria de mais umas 200 folhas no mínimo. Outro agradecimento será aos meus professores do curso de Relações Internacionais, que sempre se empenharam o máximo para nos proporcionar os melhores ensinamentos, nos orientando para alcançarmos os melhores resultados. Vocês fazem parte da minha história e levarei cada um em meu coração eternamente. Não posso deixar de agradecer também ao meu Orientador, Professor Luciano Daudt, no qual a primeira lembrança que tenho, é a do meu primeiro dia de aula na Universidade, um momento acalorado pelo assunto discutido, no qual estava sendo levantado argumentos para uma discussão sobre os contextos históricos das políticas nacionais, bem a sua cara, quem já foi aluno sabe. Naquele momento já sabia que seria mágico toda a trajetória na universidade, e foi. Obrigado professor, não só pelas orientações desse trabalho, mas por nos incentivar a ver todos os lados, na política e na vida.

Toda essa trajetória foi bastante árdua para mim, não posso negar. Cada disciplina, semestre e ano letivo findado, foi muito comemorado, cada noite mal dormida e cada fim de semana doado valeu muito a pena, sou muito orgulhoso de tudo isso, e se o papel da universidade é abrir a janela do mundo aos seus alunos, o objetivo comigo foi alcançado, não sou mais o mesmo desde o primeiro dia de aula, e sei que posso fazer uma diferença no mundo com os conhecimentos adquiridos até aqui, afinal o mundo é logo ali.

“A pior democracia é preferível à melhor das ditaduras.” – Rui Barbosa (1849 – 1923).

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo trazer para dentro das relações internacionais uma análise sobre as novas tecnologias no viés das redes sociais, modelagem e perfilamento dados, como motivação à manipulação de opinião pública. Isto, por entender que o assunto na contemporaneidade faz jus aos perigos da utilização dessas tecnologias enquanto desprovidos de regulamentação. As consequências disso podem ser graves a ponto de ferir uma democracia, a exemplo das conjunturas do processo eleitoral de 2016, que levou Donald John Trump a ser eleito como o 45º presidente dos Estados Unidos.

No Primeiro capítulo, é apresentado uma breve introdução sobre os aspectos de ligação entre tecnologia, ciberespaço e as Relações Internacionais, ressaltando a importância do assunto para entendimento da eleição de 2016 nos Estados Unidos. No Segundo capítulo, é descrito como e quais elementos nos direcionam a compreender que o mundo está presenciando uma ruptura em seus processos democráticos. Discorre-se sobre os desdobramentos das eleições de 2016 e do papel de Donald John Trump a partir de uma análise de como seus discursos influenciaram no processo eleitoral por virem de encontro com a descredibilização das instituições. No terceiro capítulo, é apresentada a evolução do uso da internet pela sociedade global; funcionamento da modelagem e perfilamento de dados; e como o uso desses dados tem impacto dentro de contextos políticos e na democracia. Finalmente, no quarto capítulo, é apresentado os pilares que justificam que de fato a democracia foi ferida no processo eleitoral de 2016, através de 3 abordagens principais: o novo modelo de campanhas eleitorais embasado em *Fake News*; o pioneirismo de Donald Trump nesses “novos canais”, sobretudo por conta de seu relacionamento conturbado com mídias tradicionais; e, por fim, a análise de elementos dessas abordagens como detratórias da democracia, ainda no contexto das eleições de 2016 dos Estados Unidos da América.

Como conclusão deste estudo, reforça-se a importância da garantia das instituições no modelo democrático e também a atenção frente aos caminhos que a sociedade moderna pode avançar para garantir a segurança dos dados de usuários disponibilizados através de canais na internet, como as redes sociais.

Palavras-chave: Democracia. Tecnologias. Eleições de 2016.

## **ABSTRACT**

This work aims to bring into international relations an analysis of new technologies from the perspective of social networks, modeling and data profiling, as a motivation to manipulate public opinion. This, because it understands that the subject in contemporary times lives up to the dangers of using these technologies while devoid of regulation. The consequences of this can be so serious as to injure a democracy, as in the circumstances of the 2016 electoral process, which led Donald John Trump to be elected as the 45th president of the United States.

In the first chapter, a brief introduction about the connection aspects between technology, cyberspace and International Relations is presented, emphasizing the importance of the subject for understanding the 2016 election in the United States. In the second chapter, it is described how and what elements lead us to understand that the world is witnessing a rupture in its democratic processes. It discusses the consequences of the 2016 elections and the role of Donald John Trump based on an analysis of how his speeches influenced the electoral process as they met with the discredit of the institutions. In the third chapter, the evolution of the use of the internet by the global society is presented; functioning of data modeling and profiling; and how the use of these data has an impact within political contexts and democracy. Finally, in the fourth chapter, the pillars are presented that justify that in fact democracy was hurt in the 2016 electoral process, through 3 main approaches: the new model of electoral campaigns based on Fake News; Donald Trump's pioneering spirit in these “new channels”, mainly because of his troubled relationship with traditional media; and, finally, the analysis of elements of these approaches as detractors of democracy, still in the context of the 2016 elections of the United States of America.

As a conclusion of this study, the importance of guaranteeing institutions in the democratic model is reinforced, as well as the attention given to the ways that modern society can advance to guarantee the security of user data made available through internet channels, such as social networks.

**Keywords:** Democracy. Technologies. 2016 Elections.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>PROCESSO DEMOCRÁTICO NAS ELEIÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM 2016.....</b>	<b>12</b>
2.1	DEMOCRACIA EM VERTIGEM.....	12
2.2	ELEIÇÕES DE 2016 – ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.....	15
<b>3</b>	<b>INTERNET, BIG DATA E SEUS IMPACTOS NAS SOCIEDADE GLOBAL.....</b>	<b>24</b>
3.1	MODELAGEM E PERFILAMENTO DE DADOS.....	27
3.2	USO DE DADOS, POLÍTICA E GOVERNAÇÃO GLOBAL.....	29
<b>4</b>	<b>INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NAS ELEIÇÕES DE 2016.....</b>	<b>32</b>
4.1	USO DE REDES SOCIAIS COMO FONTE DE INFORMAÇÃO.....	33
4.2	PIONEIRISMO DE TRUMP NO USO DAS REDES.....	38
4.3	DEMOCRACIA FERIDA.....	40
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Dentro das redes no ciberespaço, podemos estabelecer conexões em como o uso indiscriminado de tecnologias detém o poder de causar rupturas dentro de democracias. Possibilidade de conflitos entre governo e empresas de tecnologia se torna realidade, porém não há leis definidas e claras quanto a utilização de dados, tanto no favorecimento de partidos políticos, quanto para detenção de dados sobre a população. Também se aflora discussões sobre a maneira de atuação de centros de inteligência, sobre os armazenamentos desses dados em rede, sua padronização e segmentação em grupos, e como esses dados podem ser utilizados para influenciar cenários políticos internos, inclusive com influências externas, gerando impactos na soberania e geopolítica.

2016 de fato se tornou um ano peculiar, com alguns marcos relevantes à história global. Um dos fatos que ganham espaço do protagonismo mundial é dado pelos desdobramentos eleitorais na história estadunidense, principalmente por uma reviravolta à contramão de todas as perspectivas estimadas para o período. Conhecido como um dos processos eleitorais com maior visibilidade no mundo, além da grande polaridade já familiar, a grande surpresa se mostrou na contradição dos números e estatísticas. Enquanto todas as previsões e sondagens apontavam Hillary Clinton como candidata a ser eleita, se elegia Donald Trump como 45º Presidente dos Estados Unidos, com 306 votos no colégio eleitoral.

Dentro do contexto das eleições acima mencionadas, levantam-se então tópicos, como questionamentos sobre tecnologias aplicadas ao processo eleitoral; o uso extraordinário de redes sociais em todo o desenvolvimento da campanha; a instauração de um verdadeiro campo de batalha entre os candidatos, além da polarização habitual; e o uso de grandes massas de dados coletadas de redes sociais, que podem ter sido grandes influenciadores ao processo de decisão de votos. Na consideração de tal cenário, percebe-se uma necessidade de estabelecer intersecções contextuais entre processo eleitoral, as novas tecnologias e a expansão mundial do acesso à informação. Tal discussão ganha ainda mais espaço dentro das relações internacionais, por envolver a garantia da soberania de influentes atores internacionais, como é o caso dos Estados Unidos (considerado a principal potência do mundo), bem como uma enorme discussão sobre a legalidade de acesso e compartilhamento de dados. Dentro do contexto de globalização e acesso à informação, mudam-se as relações de espaços geográficos, perdendo assim, particularidades de uma geopolítica física para um novo conceito de geopolítica digital.

Um caso recente que alerta o envolvimento de corporações sobre este tema envolve as figuras de Mark Zuckerberg (CEO do *Facebook*) e Alexander Nix (CEO da *Cambridge*

*Analytica*). Ambos foram convidados pelo Parlamento Britânico para esclarecer fatos a respeito do uso de dados de mais de 50 milhões de eleitores, presumivelmente utilizados para influenciar opiniões do eleitorado. Tanto nas decisões de voto na eleição presidencial dos Estados Unidos quanto correlacionado ao referendo do *Brexit* em 2016, foi questionado o envolvimento das empresas na disponibilização de dados sobre seus usuários, e a disposição técnica da utilização desses dados para manipulação por segmentação de conteúdo. Vem à tona iniciativas quanto a regulamentação e padronização desses usos por grandes companhias, o que de fato é um marco para história global, por se tratar de questões de segurança e garantia de soberania para o Estados.

Apesar de todos os benefícios das novas tecnologias e do tratamento de dados para estratégias políticas e corporativas, a não regulamentação abre espaço para atuações em detrimento da população. Surgem questionamentos inéditos a respeito da ética e regulamentações sobre dados, exigindo um posicionamento das partes executiva e legislativa dos países, bem como uma internacionalização do tema e acordos internacionais.

Ao decorrer deste trabalho, será discutido o uso e perfilamentos de dados, nas redes sociais e as possíveis consequências em processos eleitorais, em especial no cenário das eleições de 2016 dos Estados Unidos.

Portanto esta pesquisa esta pesquisa tem como objetivo responder ao seguinte questionamento: Como a padronização e perfilamento de dados de usuários coletados através de redes sociais impactaram no processo democrático das eleições de Estados Unidos de 2016?

Para responder a esse questionamento, temos como objetivo geral debater o funcionamento da padronização e perfilamento de dados coletados através de redes sociais de usuários; e a análise dos impactos desse novo modelo de no processo democrático das eleições dos Estados Unidos. Temos como objetivos específicos identificar a construção política/ideológica que formaram o processo eleitoral em 2016; demonstrar o funcionamento do armazenamento, manipulação, tratamento de informações de dados, em bancos, redes e data centers; analisar os impactos da adesão às novas tecnologias, e do uso de dados com a padronização e perfilamento de eleitores nas decisões desse processo eleitoral.

A seguinte pesquisa se justifica por trazer para dentro das Relações Internacionais, discussões sobre as novas tecnologia dentro do cenário internacional, pelo fato de que, a ideia de tecnologias disruptivas tem exercido nitidamente influência no modo de como os atores internacionais estão interagindo, e se tornando determinantes no modo de como o poder é distribuído, legitimado e exercido. E também, dar visibilidade sobre o uso de dados, informações falsas em redes sociais e táticas midiáticas à usuários durante o uso da internet e

ambientes digitais, tão relevantes para as sociedades modernas, em relação a expansão mundial do acesso à informação.

Referente aos métodos ligados aos estudos propostos, este trabalho se caracteriza como uma pesquisa de natureza básica, e contará com análises de dados qualitativa e procedimentos exploratórios, bem como utilizará técnicas documentais e empíricas.

Com relação ao primeiro objetivo específico, utiliza-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, através de autores que contextualizam o cenário econômico, político e social nos Estados Unidos, antes e durante as eleições de 2016, com o interesse em perceber a crise das democracias. Em relação à pesquisa documental, é realizado uma análise sobre postagens em redes sociais de Donald John Trump, medindo sua eficácia por meio da avaliação de engajamentos sobre essas publicações, entre o ano de 2012 a 2016. Através de dados qualitativos e procedimentos exploratórios, com a finalidade de avaliar seu comportamento e perfil antes e depois das eleições na rede social Twitter. Em relação ao segundo objetivo específico, utilizar-se de pesquisa bibliográfica e empírica, através de autores e documentos técnicos, que trazem uma conjuntura de como funciona o processo de identificação de um perfil no ambiente digital e os elementos de suas escolhas, sob a ótica técnica do uso de dados em tecnologia. O quarto capítulo consolida através de documentos bibliográficos e empíricos, elementos conclusivos à problemática de pesquisa, por meio de autores que abordam a eficácia do uso de dados em processo eleitorais, com a finalidade de avaliar quais os impactos desse uso, caso desprovidos de regulamentação.

## **2 PROCESSO DEMOCRÁTICO NAS ELEIÇÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM 2016.**

Neste capítulo existem alguns aspectos a serem analisados ao longo do desenrolar do processo eleitoral estadunidense no qual Donald Trump foi eleito no ano de 2016, fazendo o uso de documentos bibliográficos para contextualizar esse processo.

Inicialmente, levanta-se a importância de realizar uma contextualização histórica a respeito da ascendência do processo de regime democrático ocidental. Tal regime tem como requisitos abranger as condições sociais, econômicas e culturais que permitem o exercício livre e igual da autodeterminação política. Os modelos atuais são baseados principalmente no acesso à informação sobre uma insurgência, percebidos através do crescimento de discursos contrários aos modelos tradicionais por todo o mundo. Essas discussões baseiam-se no conjunto de questionamentos feitos pela sociedade global e conjunturas além do modelo político, sobre a ruptura do frágil e inaceitável modelo desenvolvido pelo capitalismo no âmbito mundial, refletido em desigualdades sociais, econômicas e políticas, em um processo antissistema que se deu em coerência sobre aspectos de rupturas das democracias contemporâneas.

Quando abordado o tema de rupturas, se percebe não somente uma ruptura conjuntural, mas social. Discursos políticos antidemocráticos, equalizados ao descontentamento social, tornam posicionamentos de regimes autoritários em “aceitáveis” quando transvestidos no contexto de aspectos de mudança e transformação, um contexto latente de uma crise antidemocrática mundial.

### **2.1 DEMOCRACIA EM VERTIGEM**

Segundo Castells, vivemos em um estado de “perigo geral”, quando se observa a maneira como as democracias vem sendo fragilizadas ao longo da história, principalmente do ponto de vista das democracias ocidentais nas últimas décadas do século XXI. Tal decadência ocorre pela canalização de um conjunto de crises precedentes, a exemplo das dimensões econômicas como taxas altas de desemprego e precarização das relações trabalhistas que geram o empobrecimento da sociedade. Em complemento, a presença de expressões fanáticas de culturas terroristas que põem sobre o julgo o estabelecimento de um estatuto de desvinculação social ainda maior.

Existe, porém uma crise ainda mais profunda, que tem consequências devastadoras sobre a incapacidade de lidar com as múltiplas crises que envenenam nossas vidas: a ruptura da relação entre governantes e governados. A desconfiança nas instituições, em quase todo o mundo, deslegitima a representação política e, portanto, nos deixa órfãos de um abrigo que nos proteja em nome do interesse comum. [...] trata-se do colapso gradual de um modelo político de representação e governança. (CASTELLS, 2018, p.7-8)

À vista do que cita Castells, a legitimidade da relação entre o governo e governados está sendo violada. Existe um crescente questionamento sobre a verdadeira natureza da participação e representatividade política, bem como da relevância das instituições públicas que configuram o Estado moderno de direito, e suas “organizações modernas”.

Sob esse ponto de vista, Ziblatt e Levitsk apontam que o processo de morte de uma democracia na atualidade não está demonstrado em forma de um processo autoritário, como ocorrido no passado, a exemplo dos golpes militares por forças armadas ocorridos no Brasil em 1964, e no Chile em 1973. Atualmente, o que se percebe é a desconstrução dentro do próprio regime democrático, baseado numa mudança na conjuntura global, no qual através do voto popular o perfil dos preferidos pelo povo tem mudado, agentes políticos que rejeitam às regras do jogo democrático, deslegitimam o processo eleitoral, não aceitam resultados eleitorais e alegam fraudes e rejeitam Constituição. É observado que a escolha tem sido por políticos não-tradicionais ou políticos populistas, com discursos demagógicos, carregados de ultranacionalismos e um viés autoritário, que atraem grande parte da sociedade. Na Hungria, é o caso do partido conservador, que elegeu como primeiro-ministro em 2010 Viktor Orbán, com um discurso anti-imigração e que, em 2020, tem planejado a aprovação de um projeto de lei o qual o permitirá amplos poderes para decidir e legislar sobre quaisquer questões por decreto. Outros exemplos percebemos nas Filipinas, com Rodrigo Duterte; na Venezuela, com Nicolás Maduro; e na Itália, com Matteo Salvini. Todos os exemplos de governos que passeiam entre o populismo e autoritarismo, que ameaçam instituições; a liberdade de imprensa e o jornalismo; e até expressões democráticas como a liberdade de expressão. Ascende-se um grande ponto de atenção, mais bem dissertado no próximo capítulo, de como esses movimentos têm ganhado força e corpo através das redes sociais e uso de dados digitais.

O apelo percebido (e defendido) pelos eleitores é que, ao eleger-se políticos com discursos opostos ao habitual, manifesta-se o descontentamento com a situação política, econômica e social atual de seu país.

[...]há outra maneira de arruinar uma democracia. É menos dramática, mas igualmente destrutiva. Democracias podem morrer não nas mãos de generais, mas de líderes eleitos – presidentes ou primeiros-ministros que subvertem o próprio processo que os levou ao poder. Alguns desses líderes desmantelam a democracia rapidamente, como

fez Hitler na sequência do incêndio do Reichstag em 1933 na Alemanha. Com mais frequência, porém, as democracias decaem aos poucos, em etapas que mal chegam a ser visíveis. (ZIBLATT; LEVITSKY, 2018, p.10)

Segundo Castells, um dos fatores que fere a democracia se reflete nas construções políticas atuais, que sofreram uma profissionalização profunda em sua configuração inicial. Apesar de divergências sobre assuntos pontuais entre as polarizações dos atores políticos, se avalia que existe um ponto de concordância e similaridade entre eles: o monopólio. Os políticos são vistos como os grandes defensores de seus próprios interesses, visando por estratégias em manter-se em suas posições políticas, mesmo que suprimam as necessidades de seus eleitores no processo, sobre os interesses públicos da sociedade e necessidades sociais (saúde, educação, geração de emprego e renda). Pelo que se justifica por ausência de opções de voto, as pessoas repetem suas escolhas de voto, mantendo uma confiança entusiasmada na esperança da mudança.

Castells, afirma que a crise de identidade política que ocorre tanto na Europa como nos Estados Unidos se qualifica como liberal, definindo como dois dos exemplos de ruptura dos modelos atuais. Ao longo do tempo, a formação de blocos supranacionais como no caso europeu trouxe muitas vantagens, como a mundialização do capital e de fluxo migratórios. Todavia, as conjunções de um bloco econômico estariam gerando certo enfraquecimento de esferas nacionais, percebido pelo declínio dos Estados Nações, exemplificado por crises nacionais na Grécia e Espanha.

Globalização da economia e da comunicação solapou e destruiu as economias nacionais e limitou a capacidade do Estado-nação de responder em seu âmbito a problemas que são globais na origem, tais como as crises financeiras, a violação aos direitos humanos, a mudança climática, a economia criminosa ou o terrorismo. O paradoxal é que foram os Estados-nação a estimular o processo de globalização, desmantelando regulações e fronteiras desde a década de 1980, nas administrações de Reagan e Thatcher, nos dois países então líderes da economia internacional. E são esses mesmos Estados que estão recolhendo as velas neste momento, sob o impacto político dos setores populares que em todos os países sofreram as consequências negativas da globalização. (CASTELLS, 2018, p.7-8).

Na correlação entre a crise no sistema capitalista e os pontos abordados por Castells, percebem-se similaridades, haja visto que o processo de corrupção e a ruptura da democracia liberal expressa um contexto altamente suscetível a formas sociais absolutamente autoritárias. Cada vez mais os fundamentos da forma democrática atual se percebem enviesados pelo jogo midiático do campo político. Isso enfatiza as evidências de escândalos de corrupção e pautas

culturalmente progressistas são deturpadas através do que o próprio autor já denominou como sociedade-rede.

Ao longo da história do Estados Unidos, muitos candidatos autocráticos já tentaram concorrer à presidência conforme Ziblatt e Levitsk, mas, os mecanismos de seleção que sustentam os partidos Democrata e Republicano foram eficazes em não permitir, mas para as eleições de 2016, mesmo dentro de um processo democrático dos partidos, que são as primárias, responsáveis por escolher os candidatos que irão concorrer a cargos públicos, não foram capazes de frear a entrada Donald Trump, um candidato totalmente anti-establishment<sup>1</sup>, o qual conseguiu ultrapassar os “portões da democracia”.

## 2.2 ELEIÇÕES DE 2016 – ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Segundo Castells, a vitória de Trump na eleição presidencial dos Estados Unidos tem em sua essência um movimento de cunho identitário. Todo o processo eleitoral foi caracterizado pela ascensão de diversos grupos americanos, que identificaram nos discursos de Trump uma simetria com suas próprias opiniões. As discordâncias e críticas das políticas públicas daquele momento nos EUA, somado às insatisfações econômicas, aumento do desemprego e outras consequências da ascensão asiática na economia trouxeram forças a esses movimentos. Castells ressalta ainda a importância de entender a evolução da ascensão de Donald Trump ao poder, propiciando assim a compreensão da crise da democracia liberal.

As minorias étnicas foram os únicos grupos dos quais Trump perdeu claramente[...] de fato, as pesquisas mostram uma correlação direta entre as atitudes racistas e o voto em Trump. Contudo, embora os racistas tenham votado em Trump, a maioria dos que votaram nele não é de racistas. São pessoas atemorizados pela rápida mudança econômica, tecnológica, étnica e cultural do país. Por isso velhos brancos apoiaram Trump, para tentar preservar seu mundo, um mundo que em certos momentos viam desaparecer. E a migração era o sinal visível de que seus vizinhos não eram o que eram. (CASTELLS, 2018, p.58).

Foram doze candidatos disputantes nas primárias pelo Partido Republicano. Trump era um candidato considerado com poucas possibilidades de vitórias ainda nas primárias, segundo Castells. Entretanto, a grande resistência do Partido Republicano, bem como o fato de que sua candidatura não dispusera de apoio de governantes ou congressistas fez com que sua

---

<sup>1</sup> Tradução livre: “Antissistema”, adjetivo usados para designar um indivíduo, grupo ou ideia que é contra as instituições oficiais.



candidatura o fortalecesse ainda mais, pela criação de uma figura desvinculada a amarras políticas.

Trump passou a perna em todos ao entrar na campanha atacando diretamente a imigração e denunciando os mexicanos como ladrões, estropadores e narcotraficantes. E simbolizou sua xenofobia com a promessa de construir um muro intransponível ao longo da fronteira com o México[...] ele se atraveu a ir até o fim na lógica xenofóbica, dizendo em voz alta o que muitos pensavam. Tampouco se constrangeu em insultar Carly Fiorina, a única candidata mulher, e m ridicularizar seus oponentes. E quando suas opiniões ofensivas sobre mulheres se tornaram públicas, o fervor de seus seguidores e seguidoras as minimizou como brincadeiras, ao mesmo tempo que, para o machismo imperante em muitos setores, soaram como liberação masculina. (CASTELLS, 2018, p.51).

Segundo Ziblatt e Levitsk, no anúncio de que participaria das eleições, Trump aparentava ser apenas mais um candidato “azarão”, que no máximo se manteria por um tempo nos holofotes como já ocorrido anteriormente com candidatos que entraram na disputa das primárias com o mesmo perfil.

Embora outsiders conservadores como Pat Robertson, Pat Buchanan e Steve Forbes não tenham conseguido superar os efeitos da primária invisível durante os anos 1980 e 1990, seu sucesso relativo deu indicações de como isso poderia ser feito. Forbes, um homem de negócios extremamente rico, era capaz de comprar o reconhecimento de seu nome, enquanto Robertson, um televangelista que fundou a Christian Broadcasting Network, e Buchanan, um comentarista de televisão (um defensor precoce do nacionalismo branco republicano), eram ambas figuras pitorescas com acesso à mídia. Embora nenhum deles tenha conseguido a indicação, todos usaram sua enorme riqueza e seu status de celebridade para se viabilizarem como competidores. No fim das contas, porém, os outsiders celebridades sempre fracassaram. (ZIBLATT; LEVITSKY, 2018, p.46)

Sendo assim, conforme os dois autores relataram, se trata de um novo momento na política americana. Rompendo com todas as expectativas levantadas, um candidato sem experiência política se tornava o candidato oficial dos Republicanos, o que significava uma primeira vitória muito importante e serviria como base para a disputa presidencial.

Avaliando o lado dos democratas, Castells aponta que o maior erro do partido foi impor a candidatura de uma Clinton, candidata ligada ao *establishment*<sup>2</sup> político e financeiro, para disputar com um candidato declarado *anti-establishment*. Segundo Castells, para uma disputa mais assertiva contra Trump, a escolha de Bernie Sanders seria mais apropriada, por ser representante de um movimento *anti-establishment*. Além do equívoco na escolha de candidato, havia outra forte tendência de aceitação, principalmente entre jovens e mulheres que não se

---

<sup>2</sup> O termo inglês refere-se à ordem ideológica, econômica e política que constitui uma sociedade ou um Estado. Em sentido depreciativo, designa uma elite social, econômica e política que exerce forte controle sobre o conjunto da sociedade, funcionando como base dos poderes estabelecidos.

viam representados por um político ligado a *Wall Street*. Ainda assim, ela sai à frente na disputa, segue a candidatura sempre com muitas vantagens e combate com tranquilidade os discursos inflamados de Trump, através de uma campanha milionária e uma alta aceitação da mídia nacional.

Um outro fator importante de ser ressaltado conforme Goodman, é o processo de desindustrialização que os Estados Unidos vem passando ao longo das últimas décadas, acentuado principalmente pela polarização industrial dos países asiáticos, um fato de bastante debate interno no país, junto ao protagonismo em que paralelo de países asiáticos. Ásia ganhou grande espaço na economia mundial por conta de mão de obra barata e falta de regulações, diminuindo a representatividade dos Estados Unidos. Um dos pontos mais ferozmente criticados por Trump durante a sua campanha, o qual denunciava a falta de competitividade e crescimento dos Estados Unidos, criticando o modelo de globalização econômica, transformando ascensão asiática em um fenômeno a se combater.

A partir de elementos que tem se reverberado nas sociedades em virtude do contexto internacional, nos aspectos da ascensão de políticos anti-sistema, observa-se no processo da eleição de Donald Trump, uma discussão em torno do neonacionalismo, que tem em seus extremos o populismo de direita, a antiglobalização, nativismo, protecionismo, oposição à imigração, islamofobia, sinofobia, e euroceticismo, elementos de preservação de uma nação enquanto entidade e fortalecimento de fronteiras pelo bem nacional.

Trump, com um slogan de campanha denominado “*America First*”<sup>3</sup> e consistentemente focada no *anti-establishment*, refletia em seus eleitores, a visão de um candidato “*game changer*”<sup>4</sup>, se utilizava de posicionamentos xenofóbicos e nativistas, conforme percebido em suas postagens nas redes sociais, analisados de antes e depois do processo em até 140 caracteres, o qual conseguimos avaliar traços do perfil de Trump como o grande número de engajamentos (seguidores e apoiadores) sobre tais postagens.

É importante observar que a utilização de outros meios não tradicionais de propaganda política, a exemplo do Twitter, passam a ser muito mais utilizados por figuras políticas, no lugar da televisão, jornais impressos e revistas, tomando um forte protagonismo no processo eleitoral. O alto engajamento também se dá pelo fato das redes sociais representarem a voz direta do político, e não a voz de um intermediário. Segundo Silva, esses modelos imaginavam que a política seria transmitida de forma linear, e que a mensagem partiria do político, chegando sem

<sup>3</sup> A frase *America First* (América primeiro) foi twittada por Trump 27 vezes de 21/07/2016 a 08/11/2016, tendo 64,690 replies, 279,800 retweets e 718,000 likes.

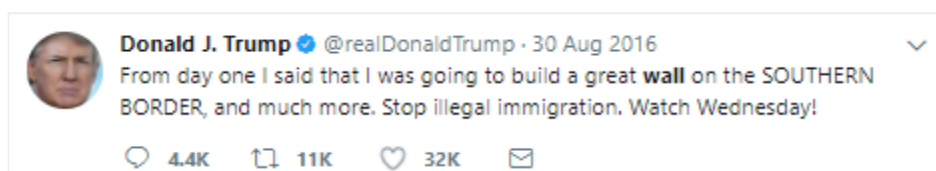
<sup>4</sup> Tradução Livre: “Jogador Desafiante, divisor de águas”.

a intermediação dos meios tradicionais, até sua grande massa. Porém, com a digitalização de comportamentos, sobretudo da comunicação, experienciados nas últimas décadas, esse modelo não é mais sustentável, dando espaço para uma política totalmente reestruturada.

Donald Trump, mesmo com a metade do orçamento de sua oposição, e inferior em todas as prévias e pesquisas, consegue se manter como o foco principal. Castells pontua que Trump não se preocupava com sua imagem na mídia, desde que estivesse nela. Por fim, seus discursos extremistas e atitudes antidemocráticas faziam com que os meios de comunicação dessem a ele toda a visibilidade que desejava e precisava, ecoando por todo país com suas ideias e argumentos. Mesmo sendo derrotado em debates e criticado por seus posicionamentos, sempre se mantinha na culminância dos assuntos mais comentados e, por consequência, mais visualizados.

As crises migratórias ascenderam os grandes debates da campanha, e se tornaram um dos pontos fortes da campanha de Trump. Ele então se posicionava com discursos inflamados sobre as implicações da presença de mexicanos ilegais em território Americano. Donald Trump, homem branco, conservador e ironicamente pertencente à família de imigrantes, abordou diversas vezes em seu discurso público que os responsáveis por todos os males que assolavam o Estados Unidos seriam os imigrantes mexicanos, responsabilizando-os então pela violência, disseminação das drogas, crimes cometidos em solo americano, e até de serem a causa das taxas do país. Grande parte de sua campanha presidencial foi construída a partir desses aspectos, onde a construção de um muro ao longo da fronteira entre os EUA e o México, seria o resolução de todos os problemas migratórios, discursos polémicos que se disseminaram pela mídia nacional e mundial. como forma de divisão dos países, foi proposta e extremamente comentada mundialmente. A imagem abaixo demonstra uma dessas postagens, assunto publicado por diversas vezes a partir da plataforma do Twitter, através da sua conta pessoal:

Imagem 1: Tweet Construção do Muro<sup>5</sup>



Fonte: Trump (2017).

<sup>5</sup> Tradução livre: “Desde o primeiro dia, eu disse que ia construir um grande muro na fronteira do Sul, e muito mais. Chega de imigração ilegal. Assistam quarta-feira!”

Não cativo apenas a esse fator da construção do muro, Trump defendia que o país vizinho pagaria a conta, ameaçando com uma possível guerra ou corte do fluxo de bilhões de dólares em pagamentos, enviados pelos mexicanos residentes nos Estados Unidos ao México, conforme o texto publicado no Twitter abaixo:

Imagem 2: Tweet México vai pagar pelo Muro<sup>6</sup>



Fonte: Trump (2017).

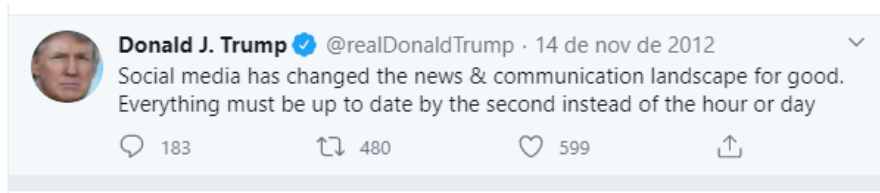
Além dos discursos anti-imigração, o posicionamento e contrários à globalização, extremamente nacionalista de Trump, atingiu com fervor aqueles atemorizados e resistentes às rápidas mudanças econômicas, tecnológicas, étnicas e culturais nos Estados Unidos.

É importante uma sistematização dos discursos de Donald Trump nas redes, pelo fato que ele já se apoderava dessas mídias muito antes de concorrer a eleição presidencial e não obstante se posicionava em criticar os processos democráticos. Quando sistematizamos as copiosas publicações na sua conta pessoal do Twitter desde 2011, momento de sua primeira postagem, percebemos um discurso similar ao atuais, com poucas oscilações. Mesmo antes de todas as mudanças na forma de governantes se expressarem. Abaixo seguem alguns exemplos do seu despertar para esse novo momento, como críticas sobre os meios tradicionais, insistindo

<sup>6</sup> Tradução livre: “O México pagará pelo muro - 100%! #FaçaAAmericaGrandeNovamente #EuEstouComVocês”

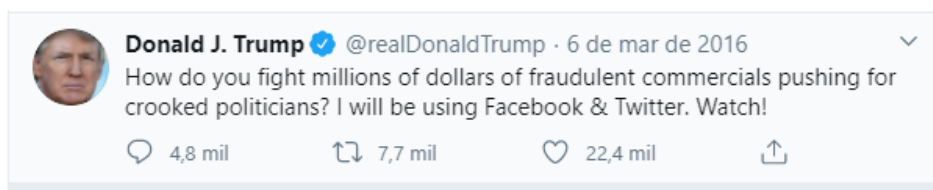
em puxar a responsabilidade para as redes sociais, para indução de uma notícia livre de contaminação ideológica.

Imagem 3: Tweet mudança da mídia e da comunicação através das mídias sociais.<sup>7</sup>



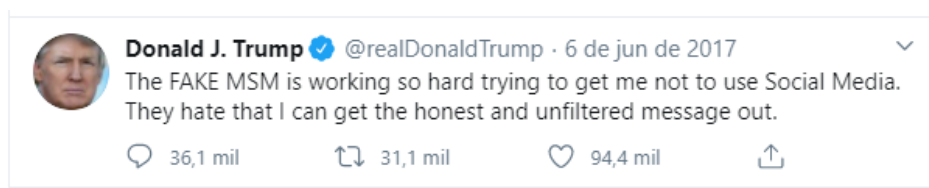
Fonte: Trump (2012).

Imagem 4: Tweet Antissistema, o qual se declara sua utilização das redes sociais como meio oficial.<sup>8</sup>



Fonte: Trump (2016)

Imagem 5: Tweet sobre o seu meio de comunicação ser o mais assertivo sobre o que é realmente verdade.<sup>9</sup>



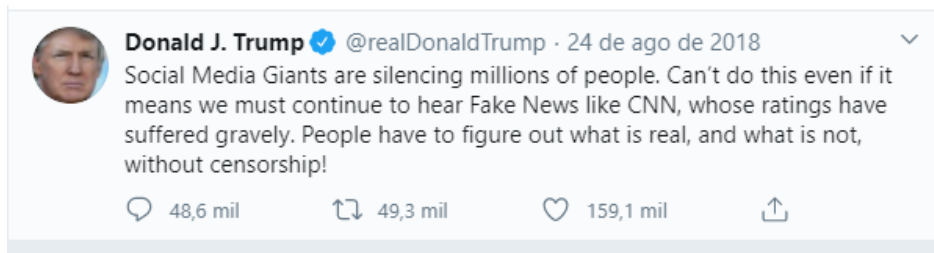
Fonte: Trump (2017)

<sup>7</sup> Tradução livre: “A mídia social mudou o cenário de notícias e comunicação para sempre. Tudo deve estar atualizado por segundo em vez de hora ou dia”

<sup>8</sup> Tradução livre: “Como você luta contra milhões de dólares em comerciais fraudulentos que buscam políticos corruptos? Vou usar o Facebook e o Twitter. Assisti!”

<sup>9</sup> Tradução Livre: “O FAKE MSM está trabalhando tanto para me fazer não usar as redes sociais. Eles odeiam que eu possa passar a mensagem honesta e não filtrada.”

Imagem 6: Tweet Críticas sobre a CNN (Canal americano de notícias).<sup>10</sup>



Fonte: Trump (2018)

Nas redes sociais, Trump não somente se posiciona como um candidato *anti-establishment*, mas gera a abertura de um canal desprovido de qualquer análise prévia sobre fatos e notícias, com excessivas inverdades (*fake news*). Correlato a um momento de descontentamento generalizado dos norte-americanos, sobretudo referentes à desconfiança com o sistema político e as instituições políticas nos EUA, assim surge um candidato digital influencer<sup>11</sup>, uma figura ideológica de manifestações extremistas, seguindo tendências do cenário internacional.

Um fator essencial, consonante ao sentimento de uma boa parte dos americanos e aos discursos de Donald Trump, é o cenário dos Estados Unidos antes e durante as eleições, fator relevante no eco gerado pelos seus posicionamentos. Uma pesquisa realizada da BBC, revelam em vários indicadores, o quanto os Estados Unidos estavam ao nível de países subdesenvolvidos segundo estatísticas do início do ano de 2016, corroborando com um discurso nacionalista da maioria dos americanos de classe média e alta, que implicava em dizer que os “os pobres vivem em situação mais fácil por que podem receber benefícios do governo sem fazer nada em troca”. A pesquisa aponta que a expectativa de vida dos americanos é de 79,2 anos no período, o qual coloca o país em 40º lugar no ranking global, atrás de países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Sua posição quanto a mortalidade infantil é de 44º lugar no mundo, com indicador 5,6. A taxa de homicídios é de 4,88 óbitos a cada 100 mil habitantes, o tornando o 59º lugar global quando comparado a outros países. Sobre a gravidez precoce, estava, em 2015, no 68º lugar no mundo.

Os posicionamentos através publicações ganharam eco e corpo nas redes. No ano da eleição, na rede social Twitter, Trump se destacou em 8º lugar nos *trending topics*<sup>12</sup> mundial

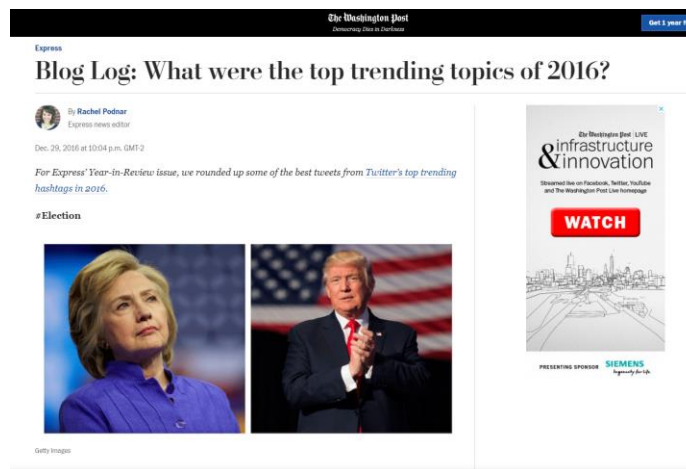
<sup>10</sup> Tradução livre: “Os gigantes da mídia social estão silenciando milhões de pessoas. Não posso fazer isso mesmo que significa que devemos continuar a ouvir Notícias Falsas como a CNN, cujas avaliações sofreu gravemente. As pessoas precisam descobrir o que é real e o que não é, sem censura!”

<sup>11</sup> Tradução livre: Influenciador digital, formador de opinião digital que influencia milhares de seguidores por meio do conteúdo publicado em redes sociais.

<sup>12</sup> Tradução livre: Principais tópicos, são os principais assuntos discutidos em um determinado período na rede social Twitter.

conforme o balanço oficial da rede social, representando o 8º assunto mais comentado do mundo. O comportamento observado por essa rede social demonstra não apenas o que se está divulgando em mídias, mas sim o comentário da própria população sobre o tema, medido pelo uso de *hashtags*. Outra rede social importante para esta análise é o Facebook, em seu balanço anual de *trending topics* do ano de 2016, conforme a imagem abaixo apontaram as eleições americanas como assunto número um no ano.

Imagem 7: Publicação do Jonal Estadunidense sobre trending topics de 2016.



Fonte: The Washington Post (2016)

Pelo fato das eleições de 2016 e Donald Trump estarem nos assuntos mais comentados do mundo, mostra-se a relevância do processo eleitoral americano para todo o cenário internacional. Interessante se ressaltar que o nome de Hillary não aparecia nessas listagens, apenas o nome de Trump.

O uso das redes sociais adveio do grande crescimento das mudanças tecnológicas se prova cada dia mais como um transformador de comportamentos, a exemplo do modo como as pessoas se informam, comunicam e expressam seus pensamentos. Em uma Democracia, mesmo que em um espaço virtual, é um ambiente livre e sem limites estabelecidos além do número de caracteres, suas opiniões são ouvidas, seu ponto de vista importa, e facilmente se encontram pessoas com pensamentos e ideias em comum.

Nas eleições de 2016 nos Estados Unidos, a tecnologia foi fator crucial para propagação de discursos entre os dois candidatos, em que a comunicação da campanha eleitoral atingiu públicos nunca atingidos através de mídias tradicionais. Fez-se presentes ferramentas determinantes, que deram eco e consonância aos discursos dos candidatos, além de mobilizar participantes a entrarem voluntariamente nas discussões, porém o reflexo desse movimento foi

um ambiente polarizado e hostil em todo o processo de disputa. O próprio povo tornou-se ferramenta de mídia, as pessoas foram levadas a conviver ideologicamente em um processo de “bolha”, assunto explorado no próximo capítulo, baseado em predefinições de perfis e engajamento em redes sociais, tornando possível realizar bombardeios de informações, tanto para um lado, quanto para a oposição, o que podemos chamar conforme o governante romano César “divide et impera” (dividir para conquistar).

As redes sociais foram os veículos de informações nos eventos de 2016, com aspectos positivos e negativos. Junto com a informação, também ascendeu a quantidade de desinformação. pois através delas se levantaram discussões que postergarão ao longo do tempo, por se fazerem relevantes no processo de construção da opinião pública, da aceitação e decisão de voto.

As eleições americanas de 2016 configuraram-se da seguinte maneira:

Mais significativamente, Trump obteve vitórias expressivas junto do eleitorado sem formação superior (52% para Trump vs. 43% para Clinton). Esta é a maior diferença eleitoral por nível educativo registrada desde 1980 (Tyson & Maniam 2016). Igualmente assinalável é o facto de Trump ter vencido dois terços do voto branco, sem formação superior (67%) – também a maior margem registrada desde 1980. Mesmo o voto branco com formação superior – alegadamente essencial para a vitória de Clinton – foi ganho por Trump por uma margem de 4% (49% de Trump vs. 45% de Clinton). Por conseguinte, muitos comentadores e analistas têm apontado o papel crítico do voto branco na vitória eleitoral de Trump. (COHN; TANKERSLEY, 2016).

Com essa conjuntura, Donald Trump se torna o 45º Presidente dos Estados Unidos, trazendo o processo uma mudança na perspectiva de fazer campanha, de gerar envolvimento da população e transformar os canais midiáticos. Segundo Maly, a interação entre processos eleitorais, agentes políticos, sociedade e algoritmos, dão luz a transformação para um “populismo algorítmico”, caracterizado por uma comunicação digital entre os diferentes atores humanos e não humanos, conforme vamos explorar no próximo capítulo. Elementos que precisam ser avaliados dentro das Relações Internacionais, por ser componente do fenômeno do ciberespaço, elemento da nova geopolítica, que infere que os dados são o maior tesouro da contemporaneidade.



### 3 INTERNET, BIG DATA E SEUS IMPACTOS NAS SOCIEDADE GLOBAL

Considerando que nem os emissores nem os receptores permaneceram os mesmos ao longo dos anos, os canais de comunicação estão fragmentados, monetizados e distribuídos, movimento provocado pela própria arquitetura das novas mídias. Os receptores, neste caso o público eleitoral, estão hoje facilmente segmentados a partir de elementos diversos: demográficos, por preferências e interesses, comportamentos, rotinas percebidas pelas redes sociais, entre outros. Com todo o banco de dados dessas informações é possível que empresas de tecnologia e políticos, segmentem as mensagens e conteúdo para esses públicos, da maneira mais conveniente. Com tal estratégia, acompanham-se os dados de engajamento impulsionados por interações (curtidas e compartilhamentos), que podem se transformar em valor econômico (anúncios de Instagram <sup>13</sup>, Facebook, etc.). Com uma estratégia de segmentação de públicos, as mensagens, além de atingirem às segmentações de públicos ideais, também se combina com cenários no qual os próprios usuários são muitos mais efêmeros e dinâmicos, e ao perceberem grupos de interesses em comum, os mesmos podem se tornar os próprios produtores dessas mensagens políticas, além de serem vetores de divulgação.

Nas últimas décadas o mundo vem sofrendo uma evolução tecnológica jamais vista pela humanidade. As possibilidades e rapidez gerados pelas tecnologias tem mudando a forma as sociedades se organizam e se relacionam. Além disso, percebe-se que essas relações entre pessoas no ambiente virtual se intensificam, já atingindo patamares jamais vistos. Hoje, uma pessoa com acesso às redes é capaz de se tornar um receptor ou emissor de qualquer tipo de conteúdo. Nos meios tradicionais, o papel de emissor de notícias e informações era apenas de profissionais da mídia e jornalistas. Hoje, o indivíduo é capaz de se expressar autonomamente, sem a necessidade de recorrer a intermediários, o que torna o cenário bastante complexo no âmbito de identificar, reconhecer, discutir e apontar fontes seguras, confiáveis e éticas dessas relações.

O Big data modificou segundo Cappi a maneira como utilizamos os algoritmos, e permite que todas as interações realizadas na rede sejam medidas, armazenadas e perfiladas, para que resultem em informações. O termo *Big data* surgiu em 1997, para representar a obtenção e o armazenamento de dados. A combinação dessas informações pode ser automatizada, e retroalimentada para a tomada de decisões, principalmente de veiculação de anúncios e conteúdo, capazes de impactar no consumo de dados pelo usuário, reiniciando um

---

<sup>13</sup> Instagram: Rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais.

ciclo. Os algoritmos são a chave lógica, em que através dela é governado o fluxo de informações na internet.

Em sua forma mais básica, algoritmos são um grupo de instruções desenvolvidas para resolver um problema específico. A partir do momento em que são colocados em ação, iniciam um fluxo de análise, administração e alocação de ações que se interpenetram e caminham da anterior para a subsequente, acumulando conhecimento e ganhando robustez[...]. Associados a enorme quantidade de dados coletados, os algoritmos tornam-se capazes de resolver tarefas cada vez mais complexas. (CAPPI, 2017, p.30)

No campo das coletas de dados, Pariser provoca a preocupação de tamanho e aspectos globais eminentes deste tema, advindos da capacidade de captação de dados de usuários independentemente se o mesmo está navegando na internet ou se está conectado em sua conta do Google<sup>14</sup>. As tecnologias já são capazes de padronizar os resultados, mostrando as páginas em que o usuário teria mais probabilidade de interação ou acesso, segundo previsões estatísticas de estudos anteriores.

A maior parte das pessoas imagina que, ao procurar um termo no Google, todos obtemos os mesmos resultados – aqueles que o PageRank, famoso algoritmo da companhia, classifica como mais relevantes, com base nos links feitos por outras páginas. No entanto, desde dezembro de 2009, isso já não é verdade. Agora, obtemos o resultado que o algoritmo do Google sugere ser melhor para cada usuário específico – e outra pessoa poderá encontrar resultados completamente diferentes. Em outras palavras, já não existe Google único. (PARISER, 2012, p.7)

Ao longo dos últimos 30 anos segundo Cappi, advindos da possibilidade de conexão com a web<sup>15</sup>, uma infinidade de aplicações surgiram oferecendo serviços com a intenção de facilitar as interações da humanidade, telefonia, filmes, séries, compartilhamento de arquivos, vídeo, jogos eletrônicos, plataformas de comércio eletrônico, serviços governamentais eletrônico e várias outras possibilidades.

Na década de 1990 a Internet era utilizada por pesquisadores e acadêmicos para efetuar login em hospedeiros remotos e trocar arquivos, usar o correio eletrônico e receber notícias. A Web foi fundamental para a transformação desse cenário. Em 1980, Tim Berners-Lee, físico, graduado em 1976 pela Universidade de Oxford, aceitou realizar uma consultoria de desenvolvimento de software para o European Organization for Nuclear Research (CERN) em Genebra. Durante esse período Tim desenvolveu um protótipo de um software que se chamava “Inquire” que tinha como objetivo ajudá-lo a lembrar das conexões entre pessoas, computadores e projetos. (CAPPI, 2017, p.84)

<sup>14</sup> O Google, também conhecido como gigante das buscas, é uma empresa multinacional que oferece serviços online e softwares para download.

<sup>15</sup> WEB Web é uma aplicação que tem sua arquitetura baseada no modelo cliente-servidor<sup>17</sup> Ela é uma aplicação baseada em três elementos centrais: o Universal Code Identifiers (URI), o Hypertext Transfer Protocol (HTTP) e o Hypertext Markup Language (HTML). (BERNERS-LEE; FISCHETTI, 2000, p. 4, tradução nossa).

Houve uma revolução a partir da premissa inicial da criação da internet. Segundo Cappi, hoje ela é utilizada para dar vida e voz a anúncios, venda online, compras e embates políticos, em que percebemos um conceito de ambiente capaz de contribuir para sustentar o pressuposto de mecanizar dados pessoais de usuário da rede. Isso, associado ao desenvolvimento de classificação, distribuição de informações e anúncios baseados em algoritmos, agem e planejam através de vários recursos tudo o que cerca a sociedade pós moderna. Todo esse contexto só é possível porque hoje somos uma geração conectada, e compartilhamos todas as nossas informações pessoais nas redes. Com isso, as plataformas e empresas de tecnologia possuem muito mais do que os dados básicos do usuário, como idade, naturalidade e contatos. Empresas como o Facebook e Twitter possuem e acumulam informações sobre a trajetória profissional e amorosa, cidades em que morou, pessoas com quem convive e conviveu, conversas e até rotinas diárias (idas à escola, trabalho, academia, restaurante e outros locais), além armazenar e traçar os interesses e gostos pessoais de cada usuário. A análise de dados como esses os torna extremamente valiosos para indeterminados fins comerciais e políticos, em um processo denominado Diplomacia digital.

O Twitter é a principal rede social usada por 276 chefes de Estados e governo e também por ministros de relações exteriores em 178 países, representando 92% de todos os países-membros da Organização das Nações Unidas (ONU). Todos, exceto um dos governos do G7 e G20, têm uma presença oficial no Twitter. A chanceler alemã Angela Merkel é a única líder dos grupos a evitar a rede social. Todos os governos europeus têm presença na rede social. Na América Latina, apenas o governo da Nicarágua não possui uma conta oficial no Twitter. Apenas 15 países, principalmente na África, Ásia e Pacífico, não têm presença na rede. Mesmo o governo chinês, que é famoso por bloquear as redes sociais ocidentais atrás do Great Firewall, está lentamente se abrindo e algumas de suas missões diplomáticas estão ativamente envolvidas no Twitter. O presidente americano Donald Trump, com mais de 40 milhões de seguidores, é o líder global mais seguido no Twitter, superando o Papa Francisco, e pertence a um pequeno grupo de líderes que utilizam suas contas pessoais na rede. (LÜFKENS, 2017).

As Redes sociais se tornaram determinantes em alguns países segundo Gonçalves e Assis, em termos de segurança nacional, conforme é percebido através dos vazamentos promovidos pelo Wikileaks<sup>16</sup> e por Edward Snowden<sup>17</sup>. Esses são exemplos do poder do mundo digital e de como divulgações não desejadas podem acontecer em ampla proporção, afetando a

---

<sup>16</sup> Organização transnacional sem fins lucrativos, sediada na Suécia, que publica, em sua página, postagens de fontes anônimas, documentos, fotos e informações confidenciais, vazadas de governos ou empresas, sobre assuntos sensíveis.

<sup>17</sup> É um analista de sistemas, ex-administrador de sistemas da CIA e ex-contratado da NSA que tornou públicos detalhes de vários programas que constituem o sistema de vigilância global da NSA americana.

segurança nacional dos Estados, pelo fato de no ciberespaço, os limites e as fronteiras tradicionais desaparecem, o que faz com que a população mundial fique mais conectada, uma tendência global.

### 3.1 MODELAGEM E PERFILAMENTO DE DADOS

A modelagem e perfilamento de dados é apresentada para o usuário<sup>18</sup> da internet, de maneira geral, como uma personalização de sua experiência, tornando fluido e ágil sua interação e permanência em serviços online. Anúncios e conteúdos tornam-se preditivos, de acordo com padrões de comportamento e as preferências de cada usuário. Essa demanda comercial foi desenvolvida e é amplamente monetizada pelos gigantes da internet, como estratégia de negócio, proposta de valor. Com a infinidade de dados de acesso geral, surge a necessidade de personalizar os alcances, e aumentar as conversões de anúncios de empresas ao seu consumidor final, finalmente resultando em maior lucratividade em ofertas online.

A Amazon vende bilhões de dólares em produtos prevendo o que cada cliente procura e colocando esses produtos na página principal de sua loja virtual. Até 60% dos filmes alugados pela Netflix vêm de palpites personalizados feitos pelo site sobre as preferências dos clientes – a esta altura, a Netflix consegue prever o quanto iremos gostar de certo filme com margem de erro de aproximadamente meia estrela. A personalização é uma estratégia fundamental para os cinco maiores sites da internet – Yahoo, Google, Facebook, YouTube e Microsoft Live – e também para muitos outros. (PARISER, 2012, p.10).

Segundo Pariser, o grande problema no processo de personalização e modelagem está no fato do propósito por trás do mesmo. A tecnologia não se restringe em apenas oferecer melhores experiências ao usuário, está implícita um outro fator, gerar ofertas e conteúdo a serem consumidos pelos usuários finais. Outro exemplo é a página (“*feed*<sup>19</sup>”) de notícias do Facebook, já utilizada como a principal fonte de notícias em algumas nações, a exemplo dos Estados Unidos, no qual 36% dos americanos com menos de 30 anos utilizam conforme o BuzzFeed<sup>20</sup>(2017), a rede social para se informar. Em paralelo, existem grandes movimentos impulsionando esse movimento. Além do Facebook, com estratégia já declarada pelo seu fundador, Mark Zuckerberg, como a maior fonte de notícias do mundo, temos o caso da Yahoo

<sup>18</sup> Aquele que se utiliza de algum produto ou serviço digital.

<sup>19</sup> Conhecido popularmente por ser uma lista de histórias que está presente na página inicial do Facebook, o qual é está em constante atualização.

<sup>20</sup> Empresa norte-americana de mídia de notícias.

Notícias, financiada pelo New York Times<sup>21</sup>. Esse, possui uma personificação sobre as manchetes e interesses aos interesses pessoais de cada usuário. Também temos o YouTube<sup>22</sup>, que influencia a escolha do conteúdo baseado nos gostos e histórico dos usuários. Como essas, uma infinidade de outras iniciativas presentes no mercado estão mudando a forma como se seleciona e se avalia a qualidade de conteúdos digitais, com novas gerações de Inteligência de dados para filtros on-line<sup>23</sup>, a partir de uma análise daquilo que o usuário demonstra interesse, interage, ou de comportamentos similares, e mais recente, as interconexões de objetos ou dispositivos; tudo isso somado a mecanismos de previsões refinadas em tempo real, capazes de gerar “experiência” conforme a “essência” do usuário. Torna-se então possível prever e até mesmo orquestrar o comportamento futuro, sugerindo-se conteúdos relacionados e validando hipóteses. No fim gerando um universo de informações exclusivas, chamada por “Bolhas dos Filtros”.

A Internet de hoje é provavelmente o maior sistema de engenharia já criado pela humanidade, com centenas de milhões de computadores conectados, enlaces de comunicação e comutadores; bilhões de usuários que se conectam por meio de laptops, tablets e smartphones; e com uma série de dispositivos como sensores, webcams console para jogos, quadros de imagem, e até mesmo máquinas de lavar sendo conectadas. (KUROSE; ROSS, 2012).

Ross, afirma que com os recursos advindos dos movimentos, das conexões do ser humano em rede, beira ao do conhecimento entre o que de fato é real ou não. Partindo do exemplo claro que, se uma pessoa se conecta através da internet com outra pessoa, ele também se conecta com o seu dispositivo<sup>24</sup>, que são conectados a inúmeras tecnologias como exemplo os boots sociais<sup>25</sup>:

Imagem 8: Ilustração do que pode ser realizado pelo usuário hoje através de um smartphone.<sup>26</sup>

<sup>21</sup> Jornal diário estadunidense, fundado e publicado continuamente em Nova York – Estados Unidos.

<sup>22</sup> Site e aplicativo de armazenamento de vídeos, o qual os usuários podem produzir conteúdo e publicar.

<sup>23</sup> Que está em uma conexão na internet, está “vivo na rede”.

<sup>24</sup> Celular, notebook, tabletes, smartwatch, televisão etc.

<sup>25</sup> Programas de computador que tem como objetivo imitar determinados comportamentos humanos de interação em redes sociais.

<sup>26</sup> <https://www.comunicacaointegrada.com.br/fora-da-caixinha-estimulando-a-comunicacao-entre-as-areas/>



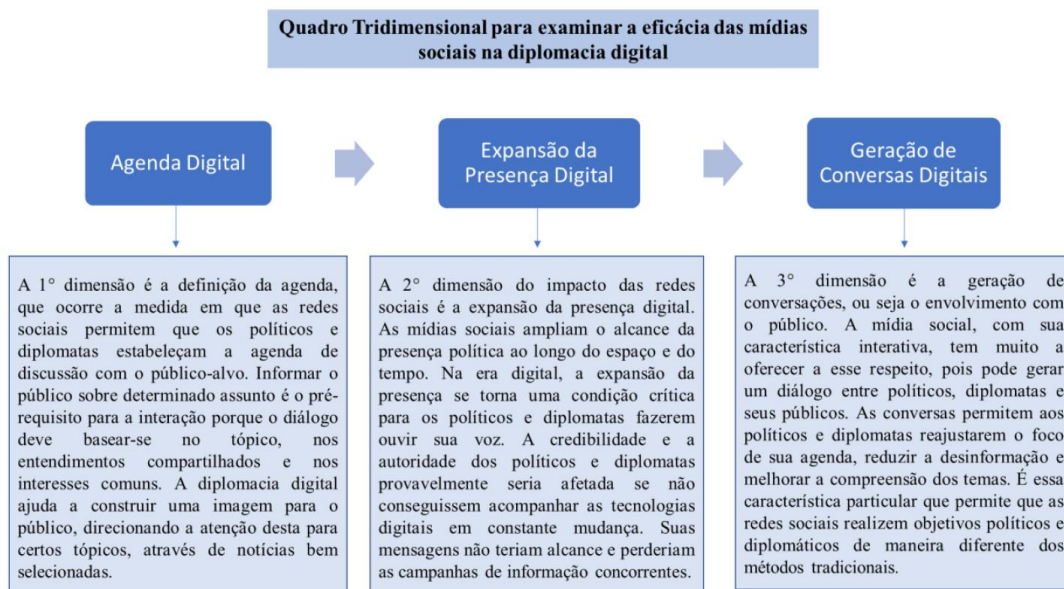
ambientes digitais de navegação na internet e segmentadas por familiaridades de ideologias, os usuários já estão inseridos em grupos de distribuição de informações estruturadas.

Quando pensado no uso das redes, existia um interesse muito relevante em tornar a internet um ambiente isento, livre e transparente, no qual os grandes líderes pudessem utilizar as redes de uma forma direta e gratuita. A perspectiva era em ter uma possibilidade de se comunicar diretamente com a sociedade, com a capacidade de interligar e dar voz a todos, sobre debates sociais e políticos, e a potencial revolução de modificar o ambiente engessado da velha política, cheia de intermediários e burocracias.

Durante algum tempo, parecia que a internet iria redemocratizar completamente a sociedade. Blogueiros e os chamados “jornalistas cidadãos” iriam reconstruir os meios de comunicação com as próprias mãos. Os políticos só poderiam concorrer nas eleições se contassem com ampla base de apoio, recebendo pequenas doações de pessoas comuns. Os governos locais se tornariam mais transparentes e teriam de prestar contas aos cidadãos. Contudo, esses tempos de conectividade cívica com os quais eu tanto sonhava ainda não chegaram. A democracia exige que os cidadãos enxerguem as coisas pelo ponto de vista dos outros; em vez disso, estamos cada vez mais fechados em nossas próprias bolhas. A democracia exige que nos baseemos em fatos compartilhados; no entanto, estão nos oferecendo universos distintos e paralelos. (PARISER, 2012, p.9).

Todas as discussões em torno do assunto, está ligado principalmente à eficácia do uso de novas mídias inseridos em processos democráticos, conseguimos abaixo analisar através do quadro dimensional abaixo como esse processo se torna eficaz.

Quadro 1: Quadro tridimensional para examinar a eficácia das mídias sociais na diplomacia digital.



Fonte: Adaptado de Biola e Jiang (2015, p. 72-87).

O avanço das tecnologias, segundo Faustino, tem permitido que surjam ferramentas capazes não somente de trazer benefícios para agilidades nos processos e rotinas, ganho de produtividade e eficiência nos processos já existentes, como também para contribuir na elaboração de conteúdo falso e gerar desinformação no ambientes da internet, mais especificamente nas redes sociais. O que se percebe na atualidade é a capacidade de muitas ferramentas e aplicativos de gerar áudio e vídeo não verdadeiros. A despersonalização digital se torna cada vez mais realista e convincente, essas tecnologias de produção de conteúdo falso tem se tornado tendência, com a utilização de algoritmos de aprendizado de máquina (machine learning<sup>28</sup>) capazes de inserir áudio e vídeo de pessoas reais, gerando um conteúdo que podem ser com consentimento ou não das pessoas. Além do consentimento, a partir do momento que se utiliza imagens, áudios e vídeos no ambiente digital, os dados desses processos são armazenados em algum lugar, e podem ser acessados e utilizados por grandes companhias de softwares. Existe um grande desafio da sociedade moderna, na luta diárias em se esquivar dos processos das desinformações, no qual os grandes Líderes e Governos mundiais precisam acelerar os processos de legislação de uso de dados e informações na internet, principalmente pelo perigo das sociedades contemporâneas não reconhecerem no futuro os processos democráticos.

---

<sup>28</sup> O aprendizado de máquina (em inglês, machine learning) é um método de análise de dados que automatiza a construção de modelos analíticos. É um ramo da inteligência artificial baseado na ideia de que sistemas podem aprender com dados, identificar padrões e tomar decisões com o mínimo de intervenção humana.



#### 4 INFLUÊNCIA DAS REDES SOCIAIS NAS ELEIÇÕES DE 2016

As eleições de 2016 marcaram a história global como a eleição mais conectada dentro do que chamamos sociedade global contemporânea. Isso se deu pelo fato de as novas tecnologias abrirem um canal de acesso e buscas instantâneas à informação e notícias através da internet, que permitiu a visibilidade do processo eleitoral à todo o planeta, fazendo surgir novas possibilidades de embates políticos, o que claramente foram explorados por Donald Trump e Hillary Clinton.

A eleição foi chamada de Eleição do Twitter, com cada passo da campanha se desenrolando em forma de tweets por parte dos eleitores, candidatos e jornalistas. Desde o primeiro debate presidencial, em 26 de setembro de 2016, até um dia antes da eleição, mais de um bilhão de posts relacionados às eleições correu pela rede social (COYNE, 2016).

A utilização das redes sociais, conforme Gonçalves e Assis, em processos eleitorais nos Estados Unidos, já tinham se iniciado em 2008, quando o então candidato a presidente Barack Obama usou fortemente como recurso de propagação de informação da jornada eleitoral, o Twitter. Marcando o feito como a primeira campanha eleitoral a aproveitar o poder desse novo formato de fazer política através da internet, como forma de propagação de ideias, geração de conteúdo, engajamento e envolvimento das pessoas no processo em tempo real.

A campanha reescreveu as regras de como atingir eleitores, arrecadar dinheiro, organizar voluntários, monitorar a opinião pública, além de lidar com ataques políticos (PILKINGTON, 2012).

Faustino ressalta que dentro do que entendemos por ordem democrática, foi transposto um novo nível de embate político e intelectual, em que processos ortodoxos e instituições democráticas estão abaladas em suas bases. Uma onda populista ameaçada pela troca da racionalidade pela emoção; da diversidade pelo nativismo; da liberdade por um movimento rumo à autocracia. Sendo assim, o que se percebeu nos Estados Unidos em 2016, e que fica como exemplo e aprendizagem, é que essa nova maneira de fazer política através das redes é percebida como uma verdadeira guerra, como um jogo de soma zero, suprimindo o ambiente de proposições de ideias.

As pessoas precisam se armar para proteger a rede e deixar de culpá-la por coisas que ela não faz, da mesma forma que não posso reclamar de facas por pessoas sendo esfaqueadas” (RODRIGUES, 2015). Isso significa que a Internet é aquilo que fazemos

dela. Seria possível, então, pensar em um “ethos” da Internet conforme propõe Zintrain. (ZITTRAIN, 2008, p. 30)

Dentro desse contexto, em que as redes se tornam um canal apropriado pela comunidade global, percebe-se vários governos e governantes em todo o mundo se apropriando delas como mídia oficial, principalmente pelo grande número de usuários conectados diariamente, quase que interruptamente, como exemplo o Twitter, rede social criada em 2006, que conta com mais de 328 milhões de usuários ativos em 2016 (ano de eleição nos Estados Unidos). Essas ferramentas digitais acaba se tornando um canal direto com o público, sem qualquer filtro ou checagem de informações. Durante as eleições de 2016 não foi diferente: o canal estava aberto, haviam usuários, havia engajamento, e pela rápida divulgação, também a possibilidade dos seus usuários enviarem e receberem atualizações em até 140 caracteres, em tempo real. Logo, se abriam precedentes jamais vistos em um processo eleitoral, um poder gigantesco sem qualquer regulação no processo democrático Americano. Dentro de uma rede social livre, bastava “twittar” e ser “retweetado”, que qualquer conteúdo era facilmente disseminado.

Não se pode afirmar que o Twitter, Facebook ou outras redes sociais foram responsáveis por eleger Donald Trump no processo eleitoral de 2016. Porém, podemos observar que a utilização desses canais mobilizaram de fato uma grande atenção para o candidato, e representaram um meio importante na campanha presidencial. Isso por ser o meio que se utilizava para realizar a propagação das suas propostas de governo, ações de campanha e principalmente a interação com os eleitores.

A partir de toda conjuntura apresentada até aqui, podemos afirmar que a Democracia foi ferida. Para justificar a afirmativa, as seções posteriores abordarão três grandes questões resultados da síntese do material analisado: Uso de redes sociais como fonte de informação; pioneirismo de Trump no uso das redes e democracia ferida.

#### 4.1 USO DE REDES SOCIAIS COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

De fato, podemos afirmar que a forma de fazer propagandas nas eleições de 2016 nos Estados Unidos subiu de nível, com o impulsionamento das redes sociais. Castells cita que a economia global hoje se caracteriza pelo fluxo e troca quase que instantâneas de informação, capital e comunicação cultural. Tal fator é relevante justamente pelo engajamento dos usuários da internet, que participaram assiduamente de todo o processo, o que ampliou o alcance sobre o que estava acontecendo: as falas e discursos dos candidatos dos Estados Unidos por todo o mundo. A grande massa de conteúdos a cada hora lançados nas redes foi absurdamente grande,

trazendo um outro grande marco para essas eleições. Esse acesso rápido, fácil e superficial de informações acabou por desbancar as mídias tradicionais como jornais e televisão, e por contrapartida retiraram o filtro e, em muitos casos, a veracidade dos fatos. Esse novo modelo de fazer política, discussão iniciada no primeiro capítulo, lançou uma forma de comunicação capaz de traduzir em um modelo linear pensamentos e ideologias de atores políticos, com a grande massa, espontaneamente com a propagação de conteúdo no mundo virtual. Esses conteúdos que na sua maioria são vendidos em forma de “verdades”, entrelaçam as redes sociais em reflexo à voz do eleitor, uma nova era de informação e desinformação. Na imagem abaixo, faz menção de quão forte Trump se tornou nesse processo.

Imagem 9: Imagem do site usatoday, o qual referência o quão forte Donald Trump está forte na rede social Facebook.<sup>29</sup>



Fonte: USATODAY

Na eleição de 2016, o Facebook e Twitter tomaram o protagonismo entre as redes sociais existentes. Conforme matéria de Jones da BBC, nos EUA, 156 milhões de americanos possuem contas no Facebook (dado de 2016) e, de acordo com pesquisas, pelo menos dois terços deles usavam a rede social como fonte primária de notícias e informação durante a campanha. Em um ambiente tão grande e diverso, isso tornou as redes sociais um palco de todos os tipos de conteúdo publicados, verídicos ou não.

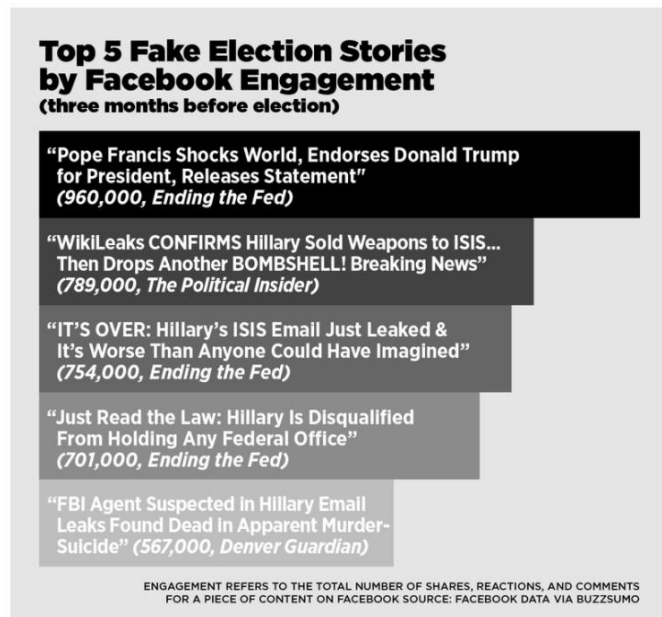
De acordo com a pesquisa “Social Media And Fake News in the 2016 Election”, desenvolvida nos Estados Unidos, em janeiro de 2017, por Hunt Allcott e Matthew Gentzow, nas eleições de 2016, o número de fake News em favor do candidato Donald Trump chegou a 115 histórias publicadas na rede social Facebook, compartilhadas

<sup>29</sup> Tradução livre: Trump mostra dominação completa de conversa no Facebook.

cerca de 30 milhões de vezes, enquanto 41 notícias falsas foram publicadas em prol de sua opositora Hillary Clinton, atingindo a marca de 7,6 milhões de compartilhamentos. De acordo com Allcott e Gentzkow (2017), uma das fake News que mais chamou a atenção se refere à notícia do Papa Francisco apoiar a candidatura de Donald Trump nas eleições. (COSTA, 2019, pag. 187)

A imagem abaixo, demonstra um ranking o qual sinaliza as Fake News que mais se destacaram e tiveram engajamento nas publicações do Facebook, dentro do processo eleitoral de 2016.

Imagem 10: Top 5 de fake news, durante o processo eleitoral de 2016.<sup>30</sup>



BuzzFeed News

Fonte: Buzfeednews (2016)

O Facebook, segundo Faustino, foi a rede social onde mais houve a propagação de notícias falsas nas eleições dos Estados Unidos em 2016, e também a que mais teria fragilizado assim o processo. Fez-se então surgir uma grande polêmica envolvendo uma empresa inglesa que havia trabalhado para a campanha de Donald Trump nesse período, Cambridge Analytica. Investigações revelaram que ela utilizava de informações de usuários da internet, mais especificamente do Facebook, e através de perfis de dados impulsionava os comportamentos de usuários, os direcionando a exercer um comportamento e

<sup>30</sup> Tradução livre: 1º lugar: "Papa Francisco endossa Donald Trump para presidente, Declaração de Liberais", 2º lugar: "Wikileaks CONFIRMA que Hillary vendeu armas ao ISIS em seguida, cai outro BOMBHELL! Notícias de última hora", 3º lugar: "ACABOU: O e-mail ISIS de Hillary acabou de vaziar e É pior do que qualquer um poderia imaginar", 4º Lugar: "Basta ler a lei: Hillary está desqualificada de manter qualquer cargo federal", 5º Lugar: "Agente do FBI suspeito do e-mail de vazamentos de Hillary é encontrado morto em aparente suicídio".

consequentemente o voto a favor de algum dos candidatos. Esse processo realizado pela Cambridge Analytica se dava por mapeamento do perfil do usuário, busca de conteúdos e direcionamentos conforme os assuntos com maior afinidade àquele perfil. Tais conteúdos na grande maioria das vezes, sem veracidade, mas apenas um formato mais adequado ao perfil alvo, a “bolha”. Essa polêmica se fortaleceu quando o marqueteiro americano Christopher Wylie, um dos responsáveis pela criação da empresa, afirma ter criado uma verdadeira ferramenta de “guerra psicológica” para fins políticos, voltada principalmente para usar dados e dar forças das redes sociais para manipular a opinião pública, em que apontou nas suas revelações a corte europeia, que seus cases de sucesso foram a eleição de Donald Trump e o processo do Brexit, ambos em 2016.

A capacidade de convencimento das notícias falsas é efetiva, quando é aliada à efemeridade das informações nas redes sociais. Com o descompromisso dos indivíduos com a verdadeira realidade ou verdade dos fatos, transformou a internet no local de busca de informações para a formação do juízo de valor de algum fato. Principalmente a rede social Facebook foi o mecanismo mais importante que facilitou essa busca e a disseminação de fake News durante as eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos, mostrando a força do conteúdo divulgado nas redes sociais e a possibilidade de geração das desinformações de forma eficaz nesse ambiente. (FAUSTINO, 2019, p.200)

Conforme Demartini, as revelações sobre Cambridge Analytica apontavam que eles utilizavam das ferramentas tecnológicas de modelagem e perfilamento de perfis de mais de 50 milhões de usuários, incluindo as identidades e redes de amigos dos usuários, e seus “likes”<sup>31</sup> no Facebook. A estratégia seria mapear traços de personalidade correlatos àquilo que as pessoas haviam curtido, usando como forma de direcionar propaganda e conteúdos a esses usuários, para criar uma série de perfis de personalidade para os usuários de rede social, assim tornando com que os anúncios e postagens realizados nas redes sociais atingissem seu propósito, mexendo com as características bem específicas.

Allvott e Gentzkow apontam pesquisas realizadas sobre o período das eleições, no qual revelaram que realmente os americanos visitaram sites de conteúdo falsos, e que na maioria das vezes esses sites de desinformação eram voltados para informações distorcidas em prol do candidato Donald Trump. Isso evidenciou que a criação e disseminação de conteúdos falsos nas redes sociais, com cunho político é eficaz, e que permitem alcançar pessoas influenciando opiniões a partir de dados. Essa noção de “bolha” se caracterizou na eleição, por expor que

---

<sup>31</sup> nas redes sociais significa curtir a foto, o vídeo ou o post publicado tanto no Facebook, como Instagram e Youtube. Então dar like é igual curtir determinado conteúdo.

pessoas inclinadas a votar em Trump visualizaram apenas notícias que refletiam e favoreciam tal posicionamento. O mesmo ocorreu com os simpatizantes de Hillary, o que refuta um próprio discurso de Mark Zuckerberg em alegar que o Facebook seria apenas uma plataforma tecnológica, não uma poderosa empresa de mídia.

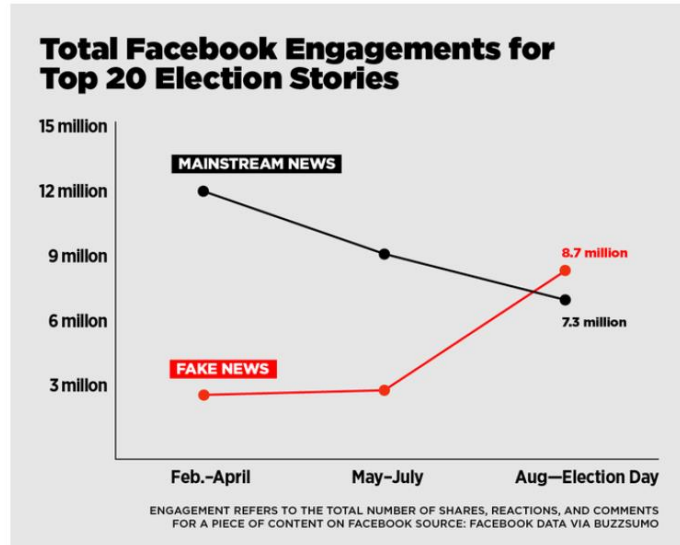
Estimamos que 27,4% dos americanos com 18 anos ou mais visitaram um artigo sobre um site pró-Trump pró-Clinton durante o nosso período de estudo, que cobriu as últimas semanas da campanha eleitoral de 2016 (IC95%: 24,4% -30,3 %). Embora essa proporção possa parecer pequena, 27% da população em idade de votar nos Estados Unidos é de mais de 65 milhões de pessoas. No total, artigos sobre sites de notícias falsas pró-Trump ou pró-Clinton representaram uma média de aproximadamente 2,6% de todos os artigos que os americanos lêem em sites focados em tópicos de notícias duras durante esse período. A notícia falsa pró-Trump ou pro-Clinton que as pessoas leram foi fortemente distorcida para Donald Trump - as pessoas viram uma média (média) de 5,45 artigos de sites de notícias falsas durante o período de estudo de 7 de outubro a 14 de novembro de 2016. Quase todos os estes eram pró-Trump (média de 5,00 artigos pró-Trump). (BOUNEGRU; GRAY; VENTURINI; MAURI. 2017. P112, tradução nossa).

Um outro ponto que precisa ser avaliado nesse processo eleitoral conforme o site BuzzFeed News<sup>32</sup>, são as criações e manipulações de contextos políticos, onde redes sociais se tornam ferramentas propícias para a criação e disseminação de fake News. Foi realizada uma análise das eleições de 2016, que apontou que nos últimos 3 meses de campanha ocorreu o melhor desempenho de notícias falsas na rede social Facebook. Além disso, essas notícias geraram mais engajamentos dos que as notícias circuladas em veículos de comunicação tradicionais como The New York Times, Washington Post, Huffington Post, NBC News, entre outros, evidenciando o processo de polarização de opiniões durante o processo já acalorado, impactando principalmente sobre o ponto de vista dos eleitores indecisos.

Imagem 11: Comparativo do site BuzzFeednews que compara os últimos 3 meses de campanha, entre os engajamentos das mídias tradicionais e as Fake News no Facebook.

---

<sup>32</sup> Empresa norte-americana de mídia de notícias.



Fonte: Buzzfeednews (2016)

As 20 notícias falsas com melhor performance no Facebook geraram 8.711.000 compartilhamentos, reações ou comentários, enquanto as 20 principais notícias sobre eleições de 19 veículos da mídia tradicional obtiveram 7.367.000, evidenciando a força das redes sociais e o risco na divulgação e criação de notícias falsas. (SILVERMAN, 2016. pag.1, tradução nossa)

Esses dados além de endossar o poder das notícias falsas dentro das redes sociais, traz luz à vulnerabilidade da sociedade, e seu processo de concepção e desenvolvimento de análise crítica quanto as questões políticas e sociais. As redes sociais tornam-se um verdadeiro campo minado em que a liberdade de expressão, quando nos referimentos a manifestação do pensamento, se confunde com a distorção da verdade. Revelando um outro aspecto, dentro das redes sociais existe um sentimento de “terra sem lei”, de que se pode tudo. Até outrora, em outras mídias não se teria essa abertura a discursos como o de Trump, que são realizados nas redes sem qualquer preocupação com a veracidade do que posta, como podemos observar melhor na próxima sessão.

#### 4.2 PIONEIRISMO DE TRUMP NO USO DAS REDES

Entender o êxito do uso das redes sociais no processo eleitoral de 2016 está muito ligado a essas novas formas de comunicação no meio político. Até certo ponto, uma forma de abstenção de embates intelectuais e de um diálogo pluralizado que exigem um preparo e uma disciplina de cada concorrente. Através das redes, Trump não precisou se aprofundar em maneiras de fazer esse diálogo e nem pesar os seus impactos. Donald Trump foi pioneiro nesse aspecto, não somente por usar as redes como esse novo canal de interação, mas por abrir um

canal copiado posteriormente por todo o mundo. Ele descobriu como se posicionar na mídia, sem precisar nem pagar por isso; utilizava-se de declarações extremamente escandalosas e polêmicas para gerar volume de visualizações, e isso proporcionou que todas as discussões girassem em torno dele durante todo o processo.

Donald Trump se utilizou do recurso que tinha para fazer sua campanha. Conforme Gonçalves e Assis, Trump não possuía uma boa relação com a mídia tradicional, já que não o permitia expressar suas opiniões da forma que ele queria. Assim, se prevalecia das redes sociais para propagar seus pensamentos e ideologias, até porque sua ascensão era inesperada, pelo fato dele não ser um ator político, mas um empresário. Percebemos que ele conquistou um grande espaço através desse método, se utilizando da internet e conseqüentemente das redes sociais, que se tornou uma verdadeira plataforma de campanha, o levando a vitória.

Podemos observar através da tabela abaixo a representatividade do engajamento de suas postagens no Twitter provocava nessa rede social durante a campanha de 2016, a partir das três palavras mais comentadas nos Tweets de Trump (Imigrantes e Refugiados, Terrorismo e Relações com a Rússia), que geraram *replies*, *retweets* e *likes*.

Tabela 1: Tweets @realDonaldTrump sobre Imigrantes e Refugiados, Terrorismo e Relações com a Rússia.

Tema	Palavra	Nº Tweets	%Tweets	Replies	% Replies	Retweets	% Retweets	Likes	% Likes
Imigrantes e Refugiados	Immigration	17	36,96%	57.413	0,31	183.900	33,41%	466.000	0,35
	Refugees	8	17,39%	31.700	0,17	109.400	19,88%	243.000	18,13%
	Mexico	8	17,39%	48.000	0,26	115.300	20,95%	284.000	21,19%
	Border	9	19,57%	19.262	10,54%	73.800	13,41%	202.000	15,07%
	Wall	4	8,70%	26.300	0,14	68.000	12,35%	145.000	10,82%
	<b>TOTAL</b>	<b>46</b>	<b>30,26%</b>	<b>182.675</b>	<b>0,27</b>	<b>550.400</b>	<b>30,41%</b>	<b>1.340.000</b>	<b>30,15%</b>
Terrorismo	Terrorism	12	17,65%	58.191	0,20	147.500	17,38%	357.000	17,23%
	ISIS	21	30,88%	89.452	0,31	247.200	29,13%	668.000	32,24%
	Syria	14	20,59%	35.005	0,12	159.200	18,76%	356.000	17,18%
	Iraq	8	11,76%	44.600	0,15	96.400	11,36%	235.000	11,34%
	Libya	3	4,4 1%	16.100	0,06	53.000	6,24%	74.100	3,58%
	Islamic	5	7,35%	27.355	0,09	68.400	8,06%	170.000	8,20%
	Attack	5	7,35%	19.700	0,07	77.000	9,07%	212.000	10,23%
<b>TOTAL</b>	<b>68</b>	<b>44,74%</b>	<b>290.403</b>	<b>0,44</b>	<b>848.700</b>	<b>46,88%</b>	<b>2.072.100</b>	<b>46,62%</b>	
Relações com a Rússia	Russia	9	23,68%	53.300	0,28	97.900	23,81%	275.000	26,62%
	Putin	6	15,79%	23.900	0,12	53.500	13,01%	134.000	12,97%
	Ukraine	2	5,26%	11.500	0,06	12.300	2,99%	38.000	3,68%
	Crimea	5	13,16%	31.500	0,16	39.800	9,68%	120.000	11,62%
	E-mails	13	34,21%	64.800	0,34	181.300	44,10%	389.000	37,66%
	NATO	3	7,89%	7.700	0,04	26.300	6,40%	77.000	7,45%
<b>TOTAL</b>	<b>38</b>	<b>25,00%</b>	<b>192.700</b>	<b>0,29</b>	<b>411.100</b>	<b>22,71%</b>	<b>1.033.000</b>	<b>23,24%</b>	
<b>Total</b>		<b>152</b>		<b>665.778</b>		<b>1.810.200</b>		<b>4.445.100</b>	

Fonte: Adaptação, Gonçalves e Assis (2019).



A partir desses dados, conseguimos perceber que a estratégia funcionou. Utilizar-se das ferramentas tecnológicas trouxe a campanha para dentro do jogo democrático. Vinha afirmar que Trump se torna um revolucionário, por conduzir e traduzir seu discurso contra as instituições que estabeleceram as regras das campanhas eleitorais, as fazendo desmoronar, visto que o modelo que se tinha até então já não funciona mais. A intenção dessa análise é trazer a percepção de que seu modelo de campanha, mesmo com a aparência de não haver objetivos, atinge seu propósito. Donald John Trump consegue realizar, através da sua falta de experiência política e seu estilo truculento, um trunfo, principalmente por esse papel ser um papel importante numa campanha marcada pela obcecada intenção em incriminar as instituições políticas tradicionais e renunciar o status quo em Washington.

#### 4.3 DEMOCRACIA FERIDA

A eleição que elegeu Donald Trump resulta fundamentalmente das disfunções das instituições políticas, colocando em discussão toda a concepção democrática, ultrapassando até mesmo as fronteiras dos Estados Unidos. Sendo assim, em síntese aos contextos já abordados nesse trabalho: O processo eleitoral de 2016 nos Estados Unidos; a ascensão do uso das redes sociais em processos democráticos; e a modelagem e perfilamento de dados de usuários da internet, podemos afirmar que democracia foi ferida, no qual levantamos três elementos que endossam a afirmativa, discorridos a seguir.

O primeiro elemento que justifica que a democracia foi ferida, é a privacidade. Conforme Hirata, o direito à privacidade é inegavelmente importante, pelo fato do retrato da sociedade contemporânea, que tem sido dominada pelos meios de comunicação de massas e as diversas redes sociais. Nas eleições de 2016 e consecutivo a ela, o elemento privacidade tem sido duramente criticado. Questionamentos da sociedade em entender, até onde o cidadão está seguro, e o quão sua privacidade está resguardada quando o mesmo utiliza-se de ambientes digitais, para trabalhar, se relacionar ou questionar seus políticos. Trata-se de um tema essencial para o direito privado moderno em todo o mundo, além de não poder ser ignorado por políticas legislativas e públicas. Dentro do contexto, utiliza-se o termo privacidade digital, condição fundamental para que o indivíduo possa constituir sua própria opinião, e consiga expressá-la certificado de que ninguém poderia influenciá-la.

Preocupações com a privacidade com os serviços de redes sociais têm sido levantadas constantemente. Os usuários de redes sociais precisam estar alerta sobre os perigos de dar informações de caráter íntimo. Dados podem ser utilizados indevidamente,

também por meio de hackers ou vírus. Além disso, há uma ameaça à privacidade percebida em relação a colocar demasiada informação pessoal nas redes sociais, permitindo produzir um perfil do comportamento de um indivíduo. Com isso, criam-se verdadeiros arquivos de informações de cada usuário, com os mais diferentes dados sobre o seu comportamento social, econômico e pessoal; informações essas que podem ser utilizadas para os mais diversos fins. Mesmo que tais dados sejam públicos, a sua coleta e posterior organização e classificação para utilização em fins, por exemplo, comerciais, levam a importante questão sobre invasão de privacidade. Vale lembrar ainda, que tais dados, mesmo depois de apagados pelos usuários de redes sociais, permanecem sob controle dessas redes, que os armazenam para fins econômicos seus e de terceiros. (HIRATA, 2017, pag. 1)

Proteger os dados e as comunicações digitais é fundamental para garantir a democracia e conseqüentemente o direito à livre escolha. A humanidade tem vivido em mundo que se tornou digital. Não apenas em sentido da informação, mas essa afirmativa contempla todos os âmbitos, onde os processos da existencial individual e coletivo estão sendo diretamente moldados pelo novo meio tecnológico. Estamos em um mundo em que políticos podem usar de fato a tecnologia como ferramenta para mudar mentes, onde as operadoras de telefonia possuem ferramentas que podem prever a localização do usuário, e onde as redes sociais conseguem decifrar a personalidade de um indivíduo melhor até do que seu cônjuge. O tratamento não autorizado de dados pessoais, juntamente com técnicas de desinformação, perfis falsos e uso de *boots* fere uma democracia por prejudicar a confiança dos eleitores e a integridade dos processos políticos. O fluxo de dados entre cidadãos e governantes pode nos levar a uma "ditadura da informação", conduzindo a sociedade a viver em uma verdadeira "bolha". Agentes da informação, constituídos por aqueles que incorporam a estrutura social, vivem um ciclo perigoso, porque ao mesmo tempo que produzem determinadas informação, conteúdo ou notícias, as legitimam e as reproduzem. Já mencionado por Bourdieu, como um grande perigo para as democracias.

Uma visão cínica do mundo político, é uma espécie de arena entregue às manobras de ambiciosos sem convicção, guiados pelos interesses ligados à competição que os opõe. Essa atenção exclusiva ao "microcosmo" político e aos fatos e aos efeitos que lhes são imputáveis tende a produzir uma ruptura com o ponto de vista do público ou pelo menos de suas frações mais preocupadas com as conseqüências reais que as tomadas de posição políticas podem ter sobre sua existência e sobre o mundo social (BOURDIEU, 1997 p.317).

Castells faz ponderações em avaliar como o processo atual de transformação tecnológica expandiu-se de maneira exponencial, em razão da sua capacidade de criar uma linguagem digital comum, na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida, contexto importante para entender interferências nas estruturas sociais. Esse novo modelo de comunicação estaria surgindo correlato à fragilização das instituições,

principalmente por não conseguirem acompanhar essa evolução, que refletem as mudanças sociais.

O segundo elemento característico de que existe uma crise democrática e de que ela foi ferida no processo eleitoral de 2016, é a liberdade de expressão. Em uma democracia que possui em sua essência a liberdade de expressão, para consequentes tomadas de decisões, precisam resguardar esse direito. Conforme Cardon, a evolução tecnológica abre novos espaços públicos, e eles ganham novas dimensões, transforma a maneira da sociedade participar dos contextos democráticos, as tornando mais ativas, introduz no mundo da informação e no mundo da política novas maneiras de estar junto, de interagir e de cooperar, que permaneciam até então enclausuradas no espaço das sociabilidades privadas. Com o advento da internet a concepção de espaço público ou esfera pública ganha novas dimensões, sendo assim, existe a necessidade de que as instituições entendam que a participação da sociedade em processos democráticos mudou, a democracia moderna não é um sistema racional no qual as decisões são claras e ausentes de ambiguidades. As verdades se confundem, e dentro desse novo modelo a precisão está dissociada da ideia de opinião pública como um indicador confiável entre as divisões de maioria e minoria.

A partir do momento que uma empresa privada utiliza-se de recursos tecnológicos, ferramentas como o perfilamento, modelagem de dados, uso de bots etc., e os aplica como forma de manobra da opinião pública, é colocado em xeque a idoneidade de um processo eleitoral, a credibilidade das instituições, e a concepção de eleições livres, fatores que ferem a concepção democrática.

A tecnologia usada não era única ou inovadora, e vem sendo usada por publicitários há muito tempo. Eles basicamente identificaram pessoas que acreditavam que eram mais suscetíveis de serem convencidas pela campanha. O que eles fizeram foi construir perfis detalhados de milhões de americanos usando dados disponibilizados publicamente na internet. Esses dados, que podem ser comprados, incluem coisas como o valor da sua casa, que carro você tem, que revistas assina e muito mais. Eles pegaram o máximo de informações das pessoas que conseguiram e dividiram elas em grupos, enviando conteúdo mais provável de convencê-las. (RUDNITZKI, 2019)

As empresas que estão por trás das redes sociais, alegam que não produzem conteúdo, que apenas são o canal em que esses conteúdos e informações circulam, porém eles não são imunes ao processo conforme Marcone e Bicudo.

[...] os funcionários de Mark Zuckerberg não escrevem nada autoral, nem postam fotos e vídeos produzidos pela equipe do Facebook. No entanto, através da senha e com base naquelas informações coletadas pela inteligência artificial (homem ou mulher? Que idade? Tem filhos? Mais progressista ou conservador?), os colaboradores de

Zuckerberg autorizam os códigos a decidir o que aparece na linha do tempo da rede social. Se a inteligência entendeu que o internauta é um rapaz jovem, devorador de hambúrgueres, com inclinações para a direita, os posts daquele amigo sobre a Feira da Reforma Agrária, promovida pelo MST, não serão visíveis de forma automática, ainda que os dois personagens sejam amigos de infância. É, assim, uma visão limitada e parcial da realidade. (MARCONE; BICUDO, 2019)

Conforme Amadeu, a utilização dessas informações através de dados, configuram em um método sub-reptício, associados à ação de algoritmos não transparentes com o poder de influência na percepção da realidade, capazes de gerar ondas de desinformação e impactos importantes a democracia. Uma miopia imposta aos usuários, onde os usuários se tornam reféns, sem reconhecer as normatizações de suas regras, porém as aceitando. Elas parecem como um pedágio, no qual preço é o aceite, que separa o usuário de usar os ambientes digitais.

Quando os consumidores veem o termo ‘política de privacidade’, eles acreditam que suas informações pessoais serão protegidas de maneiras específicas; em particular, eles assumem que um site que anuncia uma política de privacidade não compartilhará seus dados pessoais. (TUROW, 2007)

Nas eleições de 2016, podemos observar que esses recursos tecnológicos além de inaugurar novos modelos de fazer política, utilizava-se dos dados armazenados, para gerar uma concepção personalizada do momento atual dos Estados Unidos, para cada usuário das redes. Verdades fragmentas de um contexto geral, manobras para gerar vantagens em favor de um ou outro candidato.

Constituímos assim, o terceiro elemento que justifica que a democracia foi ferida, o autoritarismo através do uso de dados, não só no contexto estadunidense, mas em âmbito global. Como já visto ao decorrer do trabalho, na conjuntura contemporânea, possuir dados digitais de usuários é uma forma poder, comparados ao petróleo, na nova Economia Dirigida por Dados. Esse contexto levanta questionamentos importantes acerca do limite da privacidade, da particularidade e do anonimato. As grandes empresas como Facebook, Twitter e Cambridge Analytica, são alguns dos exemplos de empresas que fazem mineração de dados. Conforme Pinheiro, essas empresas têm obtido êxito, pela ausência de regulamentação para agir.

Muitas vezes essas empresas adquirem dados de empresas menores que adquirem dados de outras menores ainda, com nomes que passam despercebidos no dia-a-dia, por exemplo, Acxiom2, Oracle, AddThis e Ziff Davis. O mercado de vigilância produz a essência da montagem de perfil dos possíveis candidatos. O Comitê Nacional Republicano dos EUA, por exemplo, oferece a todos os candidatos republicanos acesso gratuito ao Data Center, uma ferramenta de consulta e gerenciamento de dados de pelo menos 200 milhões de eleitores. Desses eleitores é possível extrair muitas informações, por exemplo, quanto tempo estão utilizando a rede, endereços de e-mail,

números de telefone, informações fornecidas em manifestações, doações, e em eventos. (PINHEIRO, 2019, pag. 11)

A internet e os ambientes digitais, tem sido capitalizadas por gigantes tecnológicos. Segundo Pinheiro, a economia de dados baseado em disposição de dados pessoais, gerou a possibilidade de coleta de maneira desenfreada, que acaba por minar a autonomia daqueles que navegam na internet.

o novo modelo de negócios da Internet não cobra seus usuários pela utilização dos serviços da Internet; ele gera receitas a partir da publicidade sofisticada, o usuário se torna nesse processo o produto e o operário, a partir das informações que ele fornece, quando faz uma compra, assiste a um vídeo, dispõe por um determinado tempo rato sobre um link, esse indivíduo produz algo que virá a ter um valor econômico para as empresas. (KURBALIJA, 2016, pag. 151)

Carvalhido afirma que, os dados enquanto negócio, moeda e poder global, se tornou um desejo de governantes, com a intenção de usar esses dados para o autoritarismo. O marketing político é um dos grandes beneficiados, por conseguir utilizar de todas as ferramentas dispostas no jogo eleitoral, especialmente por existir fragilidade e quase ausência das regulamentações, resultantes de acordos internacionais de proteção de dados fracos em sua atuação. Nas eleições de 2016, conseguir enxergar a fundo seus eleitores, observar seus passos, e prever suas ações, fere o processo democrático.

Essas infraestruturas digitais tornaram-se parte do que é convencional de “estrutura social”, motores profundos, rasos, genéricos e na maioria das vezes invisíveis por trás da conduta social real. Tornando quase impossível dissociar as noções de online-offline nas relações modernas. Os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas, o crescimento desregulamentado da inteligência artificial, coleta e uso dos dados dos internautas, associados à ação de algoritmos não transparentes influenciam na percepção da realidade. Os robôs avançam velozmente, resguardar o cidadão e a democracia é um grande desafio atual.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Houve impactos das novas tecnologias digitais de interação de pessoas no processo eleitoral dos Estados Unidos em 2016, a democracia foi ferida. Não obstante, existe o eminente risco de não reconhecermos os aspectos que constituem ela nas gerações futuras. Trazer essa discussão para dentro das Relações Internacionais é pertinente. Existe a necessidade em perceber como as tecnologias têm modificado a maneira das interações sociais, políticas, econômicas e culturais na sociedade global. Esses elementos são importantes para entender os novos caminhos da democracia e o papel das instituições, em fortalecer as regras que estruturam um determinado sistema político.

O direito à informação, do ponto de vista internacional, tem percorrido um caminho para ser reconhecido como direito humano fundamental, onde vários países como a Dinamarca, Alemanha, Canadá e o Brasil, vem adotando políticas de proteção de dados.

Após as Eleições de 2016, e com todo a repercussão sobre o uso de dados ter influenciado os rumos das eleições nos Estados Unidos, vários movimentos pelo mundo surgiram questionamento e cobrando a transparência do que está sendo feito com as informações e dados dos usuários das redes sociais e internet. A exemplo de ações resultantes desses movimentos, é o próprio Facebook e Twitter, que adotaram uma postura de bloquear perfis e apagar postagens falsas de atores internacionais, como exemplo, publicações de líderes como o próprio Presidente Donald John Trump e Jair Messias Bolsonaro, no qual postagens antidemocráticas, sem embasamento histórico ou fundamentos científicos, tem sido monitoradas e constantemente apagadas.

A sociedade contemporânea precisa conviver com as novas tecnologias. Elas fazem parte do cotidiano de grande parte da sociedade mundial. Logo, implementar regimes de direito à informação é necessário, principalmente por contribuírem sob muitas perspectivas para o fortalecimento da democracia, em possibilitar transparência, a participação e, acima de tudo, criar elementos de uma cultura de acompanhamento das ações do Estado. Essas características são muito relevantes, por poderem auxiliar processos eleitorais, de forma diferente do que ocorreu em 2016 nos Estados Unidos, viabilizando um cenário de melhores escolhas e decisões, baseadas em torno de políticas públicas, fortalecendo e mantendo a ideia de cidadania ativa.

Sendo assim, os objetivos específicos propostos para resolver o problema geral desse trabalho foram atingidos, concluindo-se que existem ferramentas capazes de realizar perfis e padronização de dados de usuários de ambientes digitais, como as redes sociais, e que essas ferramentas ainda estão dispostas carentes de regulamentação. As redes sociais foi

um fator importante nas eleições de 2016, gerou uma comoção mundial, no qual a sociedade global conseguiu acompanhar quase que em tempo real tudo que acontecia no processo, concluindo-se que sim, houve impactos no processo eleitoral com o uso indiscriminado das redes sociais nas eleições de 2016.

## REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. Zahar, Rio de Janeiro, jun. 2018.
- LEVITSKY, A.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Zahar, Rio de Janeiro, jun. 2018.
- COHN, N. **Why Trump Won: Working-Class Whites**. The New York Times. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2016/11/10/upshot/why-trump-won-working-class-whites.html>. Acesso em: 20 mai. 2020.
- FUKUYAMA, Francis. **Há chance de o Reino Unido se esfacelar**. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/06/francis-fukuyama-ha-chance-de-o-reino-unido-se-esfacelar.html>. Acesso em 10 mai. 2020.
- HAUTMAN, Nicholas. **Twitter Reveals Top Trending Topics and Retweets of 2016: Rio Olympics, Pokemon Go and More!**. Disponível em: <https://www.usmagazine.com/entertainment/news/twitter-reveals-top-trending-topics-retweets-of-2016-w454091/>. Acesso em 10 mai. 2020.
- CARMARGO, Sonia. **A União Européia: Uma Comunidade em Construção**. IRI/PUC-Rio, ago. 2008.
- BARBOZA, Mariana & MONTENEGRO, Raul. **O fim de uma era**. Isto É. Ed. nº 2.429. São Paulo: jun. 2016.
- XAVIER, Laecio Noronha. **Eurocentrismo e Brexit: anti-política, nacionalismo e desigualdade na era do comunitarismo e da globalização**. CONPEDI, Curitiba, 2016.
- AGRELA, Lucas. **Os 10 temas mais comentados no Facebook em 2016**. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/os-10-temas-mais-comentados-no-facebook-em-2016/>. Acesso em 10 mai. 2020.
- KOKAY, Érica. **Onde o populismo de direita está no poder no mundo**. <https://www.dw.com/pt-br/onde-o-populismo-de-direita-est%C3%A1-no-poder-no-mundo/a-46065697>. Acesso em 10 mai. 2020.
- ISTOÉ. **Democracia húngara também em quarentena**. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/democracia-hungara-tambem-em-quarentena/>. Acesso em 10 mai. 2020.
- ETHOS. **A adesão antidemocrática**. Disponível em: <https://www.ethos.org.br/conteudo/opinioes-e-analises/a-adesao-antidemocratica/>. Acesso em 20 mai. 2020.
- UOLTAB. **Twitter não esconde postagens racistas de Trump**. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/07/16/twitter-nao-esconde-postagens-racistas-de-trump.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em 20 mai. 2020.



PODNAR, Rachel. **Blog Log: What were the top trending topics of 2016?**. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/express/wp/2016/12/29/blog-log-what-were-the-top-trending-topics-of-2016/>. Acesso em 12 abr. 2020.

COSTA, Ana, **Redes Sociais: Anatomia do conteúdo**. Casa literária, São Paulo, 2019.

BOUNEGRU, L.; GRAY, J.; VENTURINI, T; MAURI, M. **A field guide to fake news**. Disponível em: <http://fakenews.publicdatalab.org/>. Acesso em: 19 set. 2020.

FAUSTINO, André. **Fake News E A Liberdade De Expressão Nas Redes Sociais Na Sociedade Da Informação**. FMU, 2018.

CAPPI, Juliano. **Internet, Big Data e discurso de ódio: reflexões sobre as dinâmicas de interação no Twitter e os novos ambientes de debate político**. 2017. 206f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

NEWYORKPOST. **Here are the top Twitter trends of 2016**. Disponível em: <https://nypost.com/2016/12/06/these-are-the-top-twitter-trends-of-2016/>. Acesso em 12 abr. 2020.

BERMÚDEZ. Ángel. **Indicadores em que os eua estão no mesmo nível dos países subdesenvolvidos**. disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42076223>. Acesso em 12 abr. 2020.

SILVA. Daniel do Nascimento. **Como as tecnologias da comunicação vêm interferindo na política?**. Disponível em: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2020/06/05/como-as-tecnologias-da-comunicacao-vem-interferindo-na-politica/>. Acesso em 17 jul. 2020.

JONES. Rory Cellan. **COMO O FACEBOOK PODE TER AJUDADO TRUMP A GANHAR A ELEIÇÃO**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-37961917>. Acesso em 12 abr. 2020.

VEJA. **Estudo mostra como Rússia usou redes sociais para favorecer Trump em 2016**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/estudo-mostra-como-russia-usou-redes-sociais-para-favorecer-trump-em-2016/>. Acesso 20 out. 2020.

DERMARTINI. Felipe. **Campanha de trump usou dados de 50 milhões de usuários do facebook**. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/campanha-de-trump-usou-dados-de-50-milhoes-de-usuarios-do-facebook-110156/>. Acesso em 12 abr. 2020.

FIRST DRAFIT. **A field guide to “fake news” and other information disorders**. Disponível em: <https://fakenews.publicdatalab.org/>. ACESSO EM 17 OUT. 2020.

SILVERMAN. Craig. **This analysis shows how viral fake election news stories outperformed real news on Facebook**. Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/craigsilverman/viral-fake-election-news-outperformed-real-news-on-facebook>. Acesso em 20 out. 2020.

OLIVES, Daniel Leal. **Como a Cambridge Analytica recolheu dados do facebook**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/03/como-a-cambridge-analytica-recolheu-dados-do-facebook.shtml>. Acesso em 17 jul. 2020.

ALVES, Paulo. **Facebook e Cambridge Analytica: sete fatos que você precisa saber.** Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/03/facebook-e-cambridge-analytica-sete-fatos-que-voce-precisa-saber.ghtml>. Acesso em 17 jul. 2020.

GOODMAN, P. **More wealth, more jobs, but not for everyone: what fuels the backlash on trade.** **The New York Times.** Disponível em: [www.nytimes.com/2016/09/29/business/economy/more-wealth-more-jobs-but-not-for-everyone-what-fuels-the-backlash-on-trade.html](http://www.nytimes.com/2016/09/29/business/economy/more-wealth-more-jobs-but-not-for-everyone-what-fuels-the-backlash-on-trade.html). Acesso em 10 out. 2020.

MALY, Ico. **Algorithmic populism and the datafication and gamification of the people by flemish interest in Belgium.** Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132020000100444&tlng=en](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132020000100444&tlng=en). Acesso em 06 set. 2020.

GONÇALVES, Fernanda; ASSIS, Marcela. **TWIPLOMACY: A ASCENSÃO DE DONALD TRUMP EM 140 CARACTERES.** Revista Conjuntura Austral. v.10. Porto Alegre, mar. 2019.

PARISER, Eli. **O filtro invisível O que a internet está escondendo de você.** Tradução: Diego Alfaro. Zahar, Rio De Janeiro, Mar. 2012.

PILKINGTON, ed. **Obama campaign manager Jim Messina puts faith in online organising.** Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2012/sep/04/obama-jim-messina-online-organising>. Acesso em 10 out. 2020.

VINHA, Luis. **A vitória eleitoral de Donald Trump: uma análise de disfunção institucional.** Rev. Sociol. Polit. vol.26 no.66 Curitiba Jun. 2018

SINGER, Paul. **trump shows complete domination of Facebook conversation.** Disponível em: <https://www.usatoday.com/story/news/politics/onpolitics/2015/12/28/trump-complete-domination-facebook-conversation/77967664/>. Acesso em 17 Out. 2020.

BARDIN, Laurence (2011). **Análise de conteúdo.** Edição70-brasil. São Paulo, 2011.

BERNADES, Joana. **O uso das redes sociais por Donald Trump.** Disponível em: [Http://Www.Ciberjor.Ufms.Br/Ciberjor8/Files/2017/08/O-Uso-Das-Redes-Sociais-Por-Donald-Trump.Pdf](http://Www.Ciberjor.Ufms.Br/Ciberjor8/Files/2017/08/O-Uso-Das-Redes-Sociais-Por-Donald-Trump.Pdf). Acesso em 10 nov. 2020.

MARCONI, Elisa; BICUDO, Francisco. **Como algoritmos afetam a democracia.** Disponível em: <http://revistagiz.sinprosp.org.br/?p=7724>. Acesso em 10 nov.2020.

SILVA, Hélio. **Sob os olhos da crítica, reflexões sobre democracia, capitalismo e movimentos sociais.** Macapá: UNIFAP, 2017. 480 p.

BARBOZA, Mariana & MONTENEGRO, Raul. **O fim de uma era.** Isto É. Ed. nº 2.429. São Paulo: jun. 2016.

HIRATA, Alessandro. **Direito à privacidade.** Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/71/edicao-1/direito-a-privacidade>. Aceso em 20 out. 2020.

RUDNITZKI, Ethel. **Como a internet está matando a democracia.** Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/dilemas-contemporaneos/como-a-internet-esta-matando-a-democracia/>. Acesso em 10 out. 2020.

TUROW, J., HOOFNAGLE, C., MULLIGAN, D., GOOD, N. E GROSSKLAGS, J. **The federal trade commission e consumer privacy in the coming decade.** Disponível em: [https://repository.upenn.edu/asc\\_papers/520/](https://repository.upenn.edu/asc_papers/520/). Acesso em 10 out. 2020.

PINHEIRO, Cássia. **Algoritmos Eleitorais: Impacto da Mineração de Dados de uma Democracia.** 2018. 40f. Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais, Rio de Janeiro, 2018.

CARVALHIDO, Guilherme. **Uso de dados para autoritarismo é desejo de governo, mas sociedade não permitirá, diz especialista.** Disponível em: <https://br.sputniknews.com/opiniao/2020082115976224-uso-de-dados-para-autoritarismo-e-desejo-de-governo-mas-sociedade-nao-permitira-diz-especialista-/>. Acesso em 10 out. 2020.

CARDON, Dominique. **A democracia internet: Promessas e limites. Tradução de nina vincent e tiago coutinho.** Rio de janeiro: forense universitária, 2012.

SILVA, Sivaldo; BRAGATTO, Rachel; SAMPAIO, Rafael. **Democracia digital, comunicação política e redes: Teoria e prática.** Rio de Janeiro: Folio digital: letra e imagem, 2016.

DEMARTINI, Felipe. **Assange teria se aliado a russos para interferir nas eleições americanas de 2016.** Disponível em: <https://canaltech.com.br/espionagem/assange-teria-se-aliado-a-russos-para-interferir-nas-eleicoes-americanas-de-2016-144243/>. Acesso em 20 out. 2020.

ALLVOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. **Social media and fake news in the 2016 Election.** Disponível em: <https://pubs.aeaweb.org/doi/pdfplus/10.1257/jep.31.2.211>. Acesso em 10 nov. 2020.

LIMA, Franciéli. **“make america great again”: O DISCURSO ANTI-IMIGRAÇÃO ESTADUNIDENSE.** 2019. 62f. Trabalho de conclusão de curso, do Curso De Relações Internacionais, Universidade Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

TOMÉ, Leonardo. **Donald Trump Vs. Jornalistas: Os ataques à imprensa como abalo dos pilares democráticos.** 2019. 86f. Trabalho de conclusão de curso, do Curso De Relações Internacionais, Universidade Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

ZANCO, Eduarda. **Crise da democracia: o negacionismo de Donald Trump sobre as mudanças climáticas.** 2019. 58f. Trabalho de conclusão de curso, do Curso De Relações Internacionais, Universidade Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.